



Associação Brasileira dos
Exportadores de Gado

Avenida Governador José Malcher, 485 - loja B
Belém do Pará, Pará
66035-100
91 32221393

CONSIDERAÇÕES SOBRE AS EXPORTAÇÕES DE BOVINOS VIVOS NO BRASIL

FEVEREIRO 2012



17 3343 5111
www.scotconsultoria.com.br
scotconsultoria@scotconsultoria.com.br
Caixa postal 14, Bebedouro - SP, 14700 - 970



SCOT
CONSULTORIA



EQUIPE

ANÁLISES

Alex Santos Lopes da Silva – zootecnista
Gustavo Adolpho Maranhão Aguiar – zootecnista
Hyberville Paulo D’Athayde Neto – médico veterinário
Rafael Ribeiro de Lima Filho – zootecnista

COORDENADOR TÉCNICO

Gustavo Adolpho Maranhão Aguiar – zootecnista

COORDENADOR GERAL

Alcides Torres – engenheiro agrônomo

EQUIPE DE APOIO

Caio Carvalho – analista de sistemas
Douglas Coelho de Oliveira – zootecnista
Ellen Ribeiro – administradora de empresas
Fábio Luiz Martins da Silva – graduando em zootecnia
Jéssyca Guerra – zootecnista
Juliana Frutuoso Hyppolito – matemática
Juliana Pila – graduanda em zootecnia
Lucas Strabelli – assistente de tecnologia
Marco Túlio Habib Silva – engenheiro agrônomo
Nadia Oliveira – zootecnista
Pamela Alves – zootecnista
Renato Fagundes Bittencourt – zootecnista

Scot Consultoria

As melhores e mais fiéis informações do mercado



| Referência | página |
|--|---------------|
| 1. INTRODUÇÃO | 5 |
| 2. OS GANHOS EM CADEIA | 6 |
| 3. UM NICHOS DE MERCADO | 9 |
| 3.1. A quantidade exportada..... | 11 |
| 3.2. Reflexos na oferta, ociosidade dos frigoríficos e produção de carne | 12 |
| 3.3. Os derivados | 14 |
| 4. QUEM GANHA COM O MERCADO DO BOI FIRME..... | 16 |
| 4.1. Geração de empregos e investimentos..... | 17 |
| 5. EXPORTAÇÕES DE PRODUTOS BÁSICOS | 19 |
| 6. CONCLUSÃO..... | 21 |
| 7. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS..... | 22 |

Índice geral



| Referência | página |
|---|---------------|
| 1. Crescimento dos segmentos da pecuária..... | 6 |
| 2. Participação dos segmentos no PIB da pecuária em 2010. | 7 |
| 3. Participação da agricultura e pecuária no PIB do agronegócio do Pará. | 8 |
| 4. Evolução dos preços deflacionados do boi gordo e do PIB do setor de insumos. | 8 |
| 5. Evolução das exportações de carne bovina e de bovinos vivos da Austrália. | 10 |
| 6. Estimativa de ociosidade nacional da indústria frigorífica versus exportação de gado em pé no Brasil, em milhões de cabeças. | 12 |
| 7. Evolução da carne produzida no país, e estimativa do equivalente em carcaça das cabeças exportadas. | 13 |
| 8. Exportações de couros (eixo da esquerda) e preço do couro verde no Brasil Central, em R\$/kg, deflacionado pelo IGP-DI (eixo da direita).. | 14 |
| 9. Quantidade das exportações e importações de calçados, em mil unidades. | 15 |
| 10. Preços do sebo no Brasil Central, em R\$/kg, deflacionado pelo IGP-DI. | 15 |
| 11. Apenas alguns exemplos de insumos utilizados na pecuária, antes da porteira. | 16 |
| 12. Evolução dos preços do boi gordo em São Paulo (eixo da esquerda) e vendas de sêmen (eixo da direita). | 17 |

Índice de figuras



1. INTRODUÇÃO

A exportação de bovinos vivos agrega valor ao produto de venda do pecuarista, o boi gordo, e se mostra como uma alternativa de venda para o fazendeiro brasileiro.

Os benefícios desta via de escoamento vêm também através da geração de empregos, diretos e indiretos, tanto nos setores de produção industrial, relacionados aos insumos, como na logística que envolve o processo de exportação.

Como um nicho de mercado, assim como a exportação de carne bovina, a exportação de gado em pé está susceptível aos vários fatores conjunturais que regulam o mercado.

Os dois canais de negociação podem coexistir, sem prejuízo para o setor, a exemplo do que ocorre na Austrália, outro importante produtor

Os dois canais de negociação podem coexistir, sem prejuízo para o setor, a exemplo do que ocorre na Austrália, outro importante produtor e exportador de produtos pecuários.

A representatividade das exportações de bovinos vivos é pequena no Brasil, tanto em relação aos abates como ao rebanho.

A exportação de produtos primários não deve ser vista como um retrocesso para a cadeia.

Prova disso é o desenvolvimento e importância econômica dos complexos agroindustriais de grãos e minério de ferro, produtos que são exportados em grande quantidade na forma bruta, isentos de taxas de exportação, assim como o boi vivo.

Neste documento apresentamos uma série de argumentos favoráveis às exportações de boi em pé e a importância de manter esta via de escoamento sem taxação.

Boa leitura! ■

Neste documento apresentamos uma série de argumentos favoráveis às exportações de boi em pé e a importância de manter esta via de escoamento sem taxação.



2. OS GANHOS EM CADEIA

Segundo dados divulgados pelo Centro de Estudos Avançados em Economia Aplicada (Cepea/USP), da Escola Superior de Agricultura Luís de Queiroz-USP, em conjunto com a Confederação da Agricultura e Pecuária do Brasil (CNA), o Produto Interno Bruto (PIB) do Agronegócio em 2010 somou R\$821,1 bilhões.

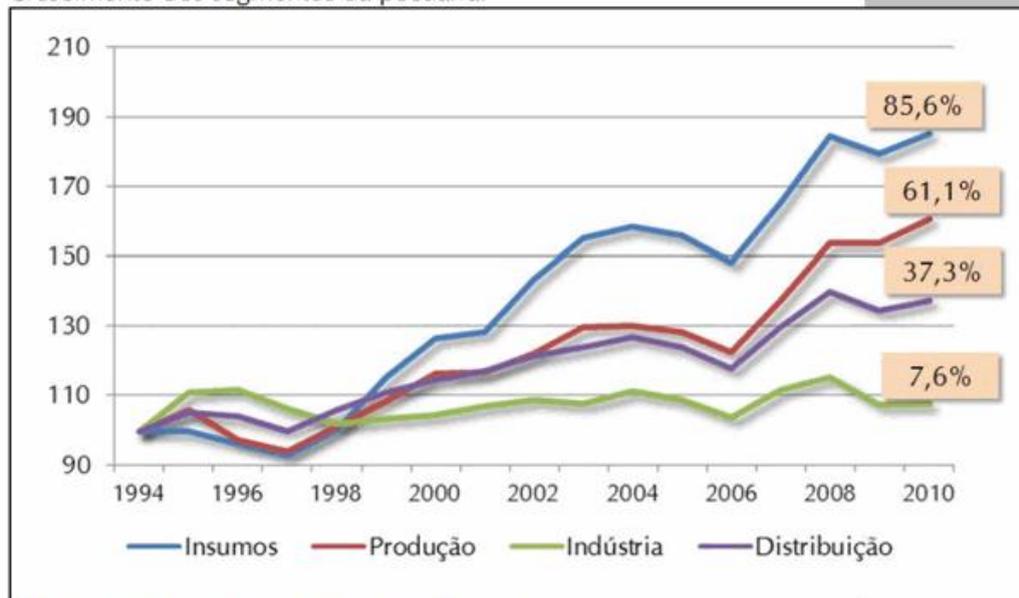
Deste total, a pecuária, considerando todos os elos envolvidos - insumos, produção na fazenda, indústria e distribuição, respondeu por 29,6%, ou R\$242,6 bilhões.

Para a geração total de riquezas do país naquele ano, que totalizou R\$3,675 trilhões, a pecuária contribuiu com 6,6%.

Desde 1994, quando a série do PIB Agro começou a ser divulgada pela parceria entre Cepea/USP e CNA, este segmento do agronegócio cresceu 45,0%.

O setor que mais evoluiu em geração de riquezas dentro da pecuária foi o de insumos, com alta de 85,6%, o que demonstra o aumento da adoção de tecnologia na atividade. Figura 1.

Figura 1.
Crescimento dos segmentos da pecuária.



Fonte: Cepea-USP / CNA / Elaborado pela Scot Consultoria –
www.scotconsultoria.com.br

Este segmento e o da produção na fazenda são os de maior crescimento no período descrito na figura 1.

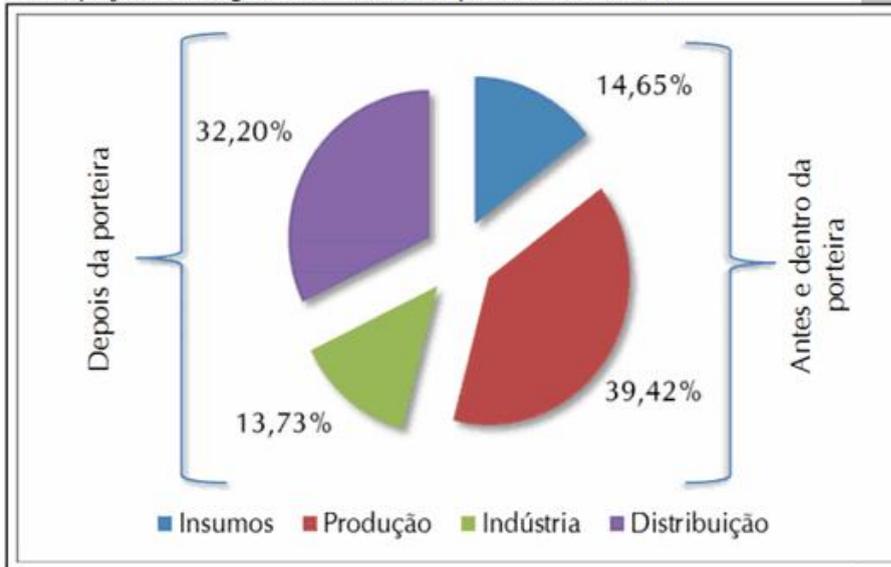
Estes dois, somados, compõem a maior parte da geração de riquezas do setor. Ou seja, é antes e dentro da porteira, onde ocorre maior geração de riqueza pela pecuária. Veja a figura 2.

O setor que mais evoluiu em geração de riquezas dentro da pecuária foi o de insumos...



Figura 2.

Participação dos segmentos no PIB da pecuária em 2010.



Fonte: Cepea-USP / CNA / Elaborado pela Scot Consultoria –
www.scotconsultoria.com.br

Seguindo esta linha, no Pará, maior exportador de animais vivos do país, a importância desta atividade para a produção primária é extremamente relevante.

Em razão dos últimos dados do PIB do agronegócio do Pará, do Instituto de Desenvolvimento Econômico, Social e Ambiental do Governo do Pará (IDESP), serem de 2009, focamos a análise a seguir neste período.

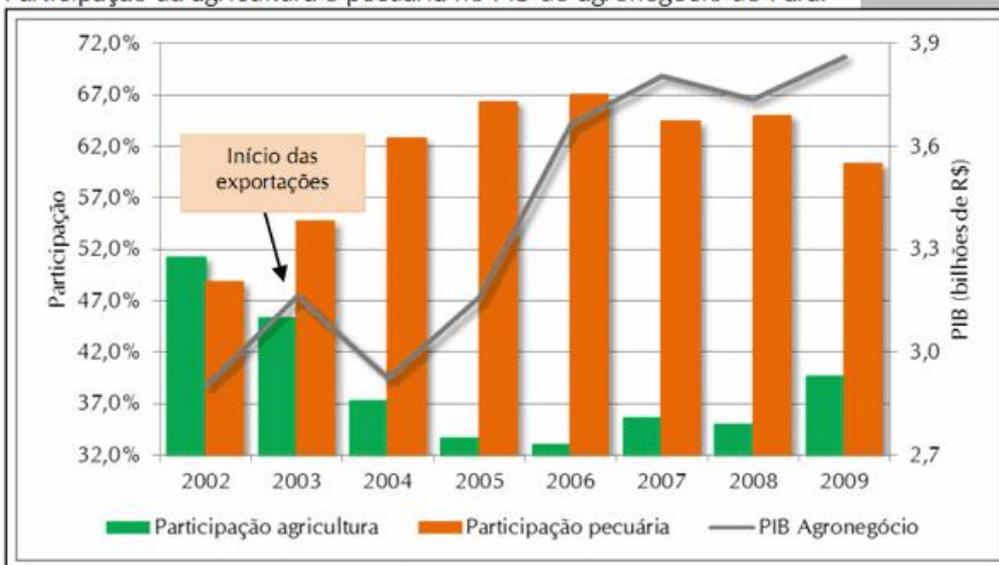
Entre 2003, primeiro ano em que o estado exportou gado em pé, e 2009, os embarques cresceram 25.576%, alcançando neste último 506,0 mil animais embarcados, segundo o Ministério do Desenvolvimento, Indústria e comércio Exterior (MDIC).

Foi justamente a partir do início das exportações paraenses que a pecuária do estado passou a ser maior do que a da agricultura no resultado do PIB. Figura 3.

Foi justamente a partir do início das exportações paraenses que a pecuária do estado passou a ser maior do que a da agricultura no resultado do PIB.



Figura 3.
Participação da agricultura e pecuária no PIB do agronegócio do Pará.



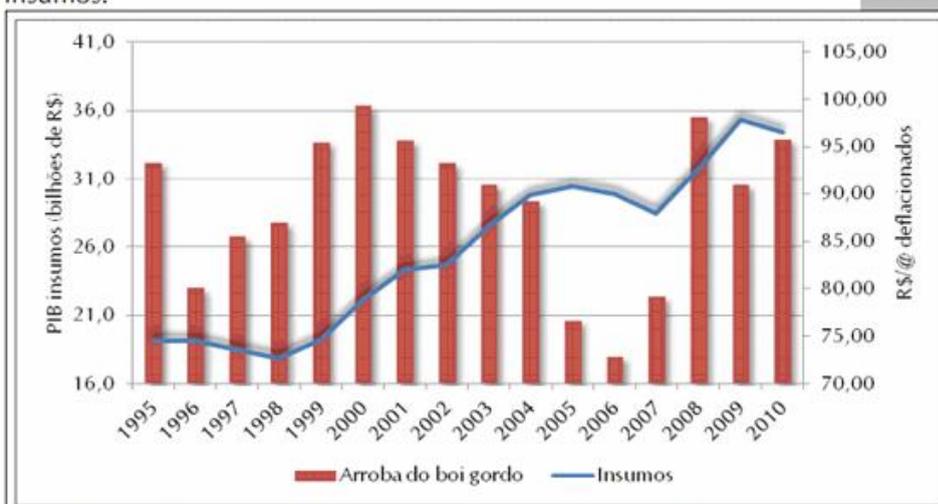
Fonte: IDESP / IBGE / Elaborado pela Scot Consultoria – www.scotconsultoria.com.br

Desta forma, fica claro que a exportação de bovinos vivos é um fator importante para o crescimento do setor pecuário e, conseqüentemente, para a economia dos estados exportadores.

A evolução do PIB do segmento de insumos pecuários é totalmente dependente de um comportamento positivo de preços para o boi gordo. Pecuárta capitalizado tende a aumentar o investimento na atividade.

A evolução do PIB do segmento de insumos pecuários é totalmente dependente de um comportamento positivo de preços para o boi gordo.

Figura 4.
Evolução dos preços deflacionados do boi gordo e do PIB do setor de insumos.



Fonte: Cepea-USP / CNA / Scot Consultoria – www.scotconsultoria.com.br

Este cenário desencadeia crescimento no parque industrial para produção de insumos, que, por sua vez, geram empregos, que se converte em renda.



3. UM NICHU DE MERCADO

A exportação de bovinos é uma atividade relativamente recente no Brasil. Este mercado surgiu devido a demandas específicas de alguns clientes.

O crescimento inicialmente expressivo ocorreu pelo fato de ser um mercado novo, o que não indica que o crescimento se manterá indefinidamente. Tabela 1.

Tabela 1.

Evolução das exportações de bovinos vivos (exceto para reprodução).

| Ano | Cabeças |
|------|---------|
| 2002 | 2 |
| 2003 | 2.156 |
| 2004 | 10.299 |
| 2005 | 110.418 |
| 2006 | 244.963 |
| 2007 | 431.837 |
| 2008 | 398.841 |
| 2009 | 518.193 |
| 2010 | 642.735 |
| 2011 | 401.940 |

Fonte: MDIC / Compilado pela Scot Consultoria - www.scotconsultoria.com.br

Em 2011 foram exportados bovinos vivos, sem finalidade reprodutiva, para quatro países: Venezuela, Líbano, Turquia e Jordânia.

Opostamente ao que ocorre com as exportações de carne, não há pulverização dos compradores. Segundo dados compilados pela Associação Brasileira das Indústrias Exportadoras de Carnes (ABIEC), o Brasil exportou carne bovina *in natura* para 87 países em 2011. Os compradores de carne industrializada no período foram 108. Miúdos e tripas foram enviados a 62 destinos.

As exportações de bovinos vivos para engorda e/ou abate são um nicho específico e, portanto, susceptível a qualquer intempérie, comercial ou política.

Como exemplo, pode-se citar a queda dos embarques para a Venezuela em 2011.

O governo venezuelano desvalorizou o câmbio em 2011, como medida econômica, o que diminuiu o poder de compra da indústria do país no mercado externo.

Esta alteração na política monetária gerou queda de 46,4% na quantidade de animais enviada ao país. Veja a tabela 2.

As exportações de bovinos vivos para engorda e/ou abate são um nicho específico e, portanto, susceptível a qualquer intempérie, comercial ou política.



Tabela 2.

Evolução das exportações de bovinos vivos (exceto para reprodução) para a Venezuela.

| Ano | Cabeças |
|-------------|----------------|
| 2007 | 247.299 |
| 2008 | 288.766 |
| 2009 | 387.047 |
| 2010 | 594.345 |
| 2011 | 318.835 |

Fonte: MDIC / Compilado pela Scot Consultoria - www.scotconsultoria.com.br

As exportações de gado em pé são um nicho de mercado, com pouca representatividade em nível nacional, embora gere renda e agregue valor à produção da região onde existe.

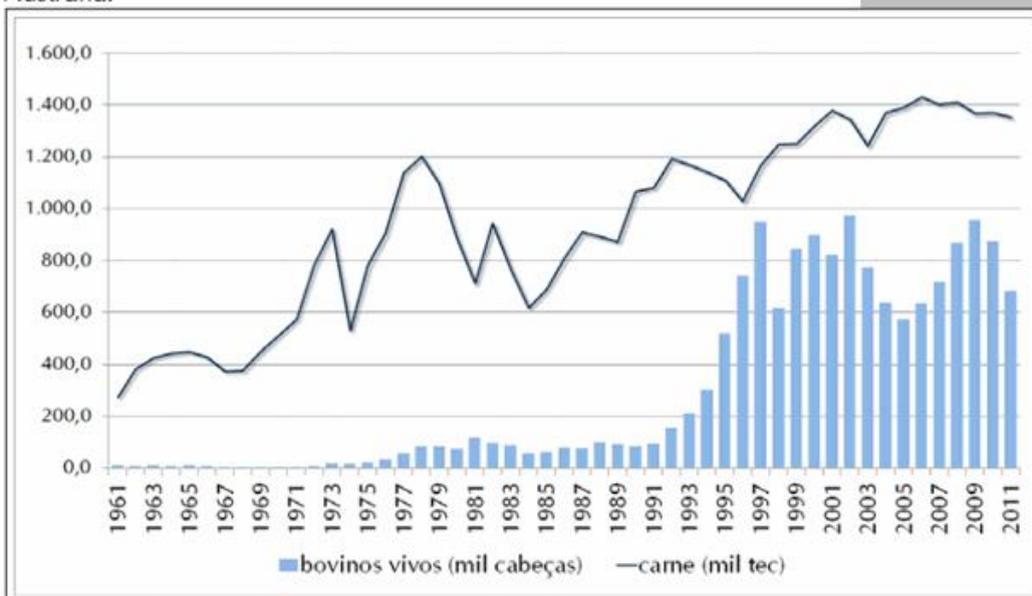
México e Canadá também são grandes exportadores, mas exportam principalmente aos Estados Unidos, por via terrestre. Ou seja, não é um mercado próximo para ser conquistado, em função da logística e questões sanitárias.

A Austrália é a maior exportadora de bovinos vivos por via marítima, tal e qual acontecem no Brasil.

Por esta razão, a análise comparativa foi centrada na Austrália. Segundo estimativas do *Meat and Livestock Australia* (MLA), com base nos dados do *Australian Bureau of Statistics* (ABS), consolidados até novembro, o país exportou 682,0 mil bovinos em 2011. Veja a figura 5.

Figura 5.

Evolução das exportações de carne bovina e de bovinos vivos da Austrália.



Fonte: ABS / MLA / USDA / Compilado pela Scot Consultoria - www.scotconsultoria.com.br

Mesmo com a evolução das exportações de gado em pé, as exportações australianas de carne bovina mantiveram-se em alta.

As exportações de gado em pé são um nicho de mercado, com pouca representatividade em nível nacional, embora gere renda e agregue valor à produção da região onde existe.



Vale destaque também para a estagnação dos embarques de gado em pé, que têm se mantido no mesmo patamar nos últimos quinze anos.

O mercado não está em expansão, como ocorreu no Brasil. Aqui o crescimento foi forte, pois o mercado é recente, é novo, é mais uma conquista do empreendedorismo nacional.

Mesmo com a importância das exportações de bovinos australianas, o volume não é tão grande, quando comparamos com a pecuária brasileira.

3.1. A QUANTIDADE EXPORTADA

Para suprir a demanda das 401,9 mil cabeças exportadas pelo Brasil em 2011, considerando o desfrute¹ médio nacional no ano, de 19,8%, seria necessário um rebanho de 2,04 milhões de bovinos.

Veja a comparação na tabela 3.

Tabela 3.

Comparação do rebanho necessário para gerar a oferta de animais exportados.

| Descrição | Exportações australianas | Exportações brasileiras | Australianas + brasileiras |
|------------------------------------|--------------------------|-------------------------|----------------------------|
| Animais exportados (mil cabeças) | 682,0 | 401,9 | 1.083,9 |
| Rebanho necessário* (mil cabeças) | 3.453,2 | 2.035,1 | 5.488,3 |
| Participação no rebanho brasileiro | 1,6% | 1,0% | 2,6% |

* Rebanho necessário para a oferta de animais exportados, considerando o desfrute brasileiro estimado em 2011, de 19,8%.

Fonte: MDIC / Scot Consultoria - www.scotconsultoria.com.br

Para efeito de comparação, apenas o rebanho de São Félix do Xingú, no Pará, é de 2,02 milhões de animais, o que corresponde a 99,4% do rebanho necessário para gerar uma oferta igual ao volume exportado pelo Brasil em 2011.

Para dimensionar uma demanda potencial hipotética, caso o Brasil ganhasse todo o espaço da Austrália neste mercado, teríamos em 2011 um volume exportado de 1,08 milhão de cabeças.

Com o desfrute brasileiro, precisaríamos de 5,49 milhões de animais para suprir uma demanda anual deste tamanho. Ainda assim, frente ao efetivo brasileiro, representaria pouco, 2,6%.

Os quatro maiores efetivos bovinos municipais do Brasil possuem 6,09 milhões de animais, ou seja, toda a demanda por gado em pé das exportações australianas e brasileira poderiam ser supridas com os rebanhos de quatro municípios brasileiros.

Para efeito de comparação, apenas o rebanho de São Félix do Xingú, no Pará, é de 2,02 milhões de animais, o que corresponde a 99,4% do rebanho necessário para gerar uma oferta igual ao volume exportado pelo Brasil em 2011.

¹ Porcentagem de cabeças abatidas em relação ao rebanho total.



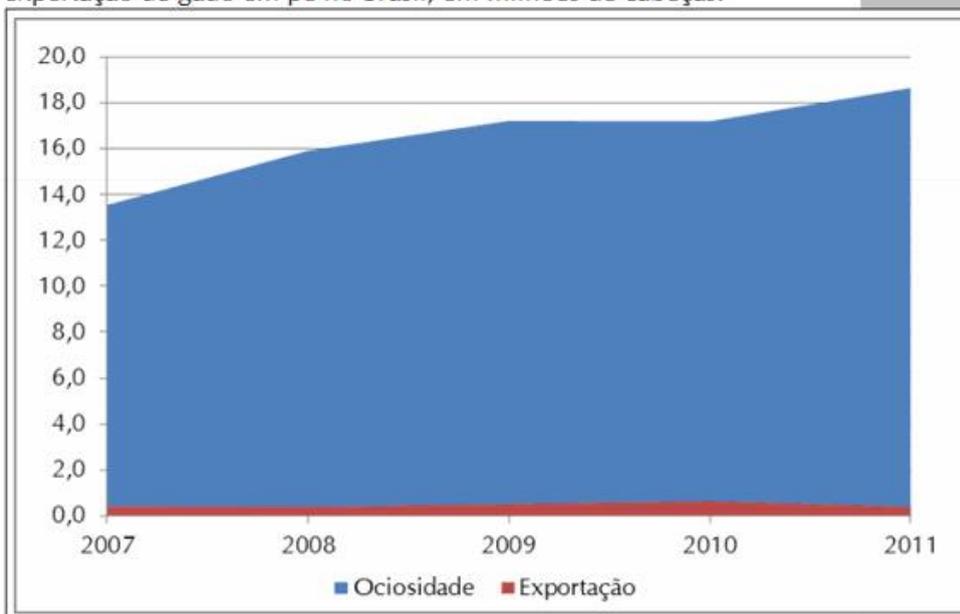
3.2. REFLEXOS NA OFERTA, OCIOSIDADE DOS FRIGORÍFICOS E PRODUÇÃO DE CARNE

Um ponto levantado pela corrente que prega a taxaço da exportação de gado em pé é o de que esta via de escoamento da produção reduz a oferta de animais para abate, causa elevação da ociosidade da indústria frigorífica e reduz a produção de carne no Brasil.

Para analisar a questão, vejamos inicialmente a figura 6.

Figura 6.

Estimativa de ociosidade nacional da indústria frigorífica versus exportação de gado em pé no Brasil, em milhões de cabeças.



Fonte: MDIC / Scot Consultoria - www.scotconsultoria.com.br

A exportação de gado em pé é muito pouco representativa em relação à ociosidade da indústria no Brasil.

Como média dos últimos cinco anos fechados, o volume de gado exportado significou 2,9% do total de vagas ociosas para abate na indústria.

As estimativas foram feitas considerando uma capacidade estática conservadora, de 60 milhões de cabeças ao ano, e o abate anual estimado pela Scot Consultoria, que consta na tabela 4.

Tabela 4.

Abate anual de bovinos no Brasil, em cabeças.

| Ano | Abate nacional |
|------|----------------|
| 2007 | 46.457.919 |
| 2008 | 44.100.000 |
| 2009 | 42.800.000 |
| 2010 | 42.820.000 |
| 2011 | 41.370.000 |

Fonte: Scot Consultoria - www.scotconsultoria.com.br

Como média dos últimos cinco anos fechados, o volume de gado exportado significou 2,9% do total de vagas ociosas para abate na indústria.



Ao que tudo indica, a questão da ociosidade está realmente ligada ao desajuste logístico das indústrias frigoríficas, bem como ao período do ciclo pecuário vivido nos últimos anos, em que houve retenção de fêmeas e redução da oferta de animais terminados para abate.

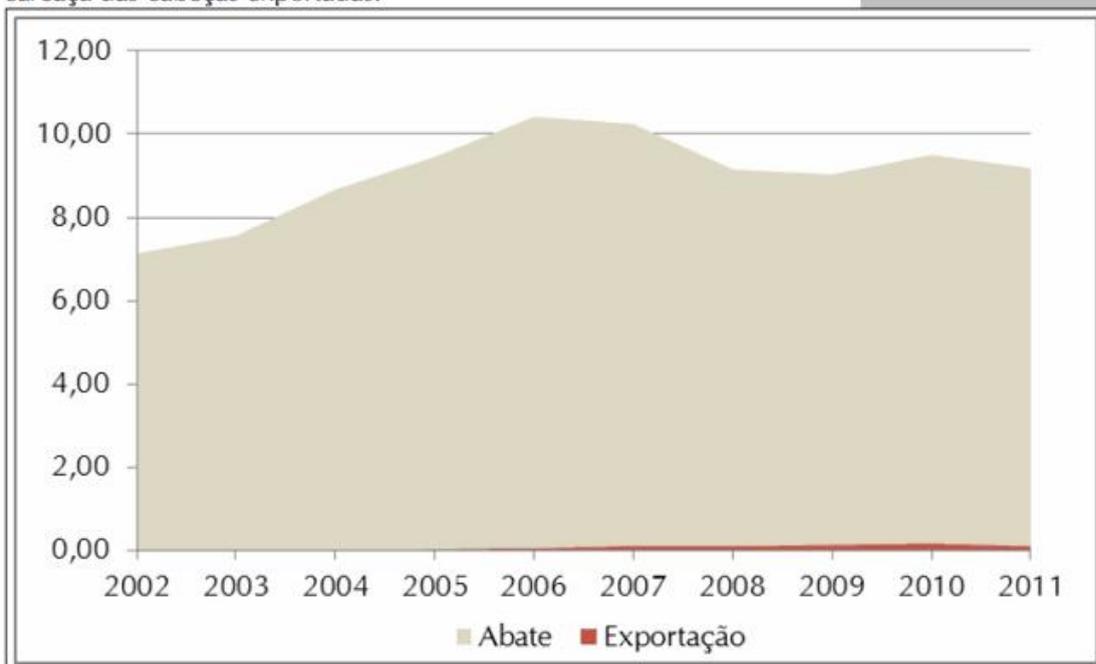
Outro fato é de que a ociosidade teve ligeira redução em 2010, ano de pico da exportação, e aumento em 2011, mesmo com a redução das exportações, evidenciando que a ociosidade não está relacionada à exportação, mas sim a outros fatores.

Mesmo no Pará, onde a exportação de bovinos vivos é maior, pode-se apontar os mesmos fatores anteriormente citados. Isto por que a taxa de ociosidade é muito próxima da média nacional, além do fato de que os animais exportados não supririam a lacuna da ociosidade existente no estado.

Com relação à produção de carne, a relação também inexistente. Figura 7.

Figura 7.

Evolução da carne produzida no país, e estimativa do equivalente em carcaça das cabeças exportadas.



Fonte: MDIC / Scot Consultoria - www.scotconsultoria.com.br

Para a transformação das cabeças exportadas em carcaça consideramos o peso médio da cabeça exportada, multiplicamos pelo número de cabeças, contando com um rendimento de carcaça de 52,0%.

Mais uma vez, a pequena representatividade proveniente das cabeças exportadas e o aumento da produção de carne no Brasil em 2010, ano de pico das exportações, revelam a inexistência de relação prejudicial entre produção de carne e exportação de gado em pé.

Em resumo, existe espaço para as atividades coexistirem no que diz respeito à ociosidade e produção de carne.

Em resumo, existe espaço para as atividades coexistirem no que diz respeito à ociosidade e produção de carne.



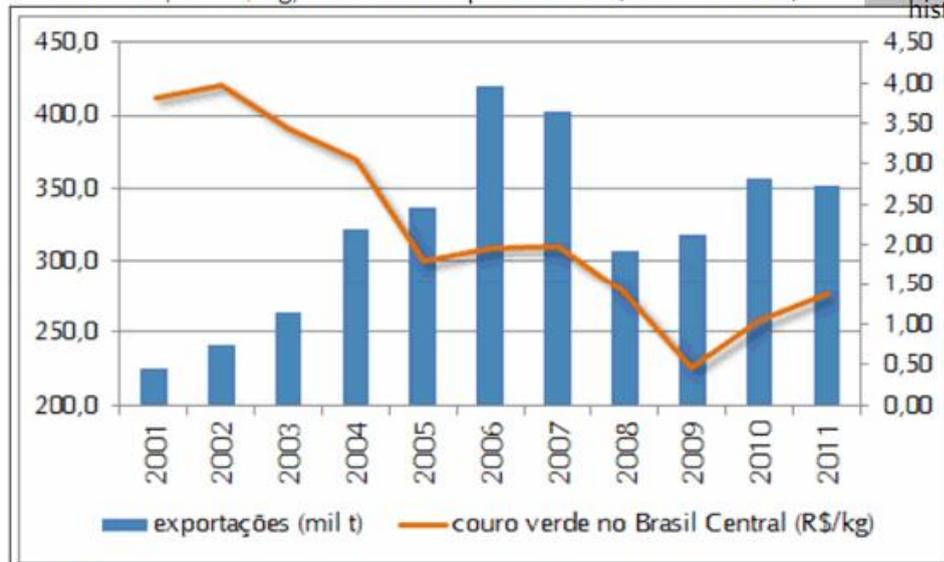
3.3. OS DERIVADOS

Outro suposto problema das exportações de gado em pé seria a saída de derivados bovinos, que poderiam faltar às indústrias no mercado interno.

Analisamos os casos do couro e do sebo.

Figura 8.

Exportações de couros (eixo da esquerda) e preço do couro verde no Brasil Central, em R\$/kg, deflacionado pelo IGP-DI (eixo da direita).



Fonte: MDIC / FGV / Scot Consultoria – www.scotconsultoria.com.br

Mesmo com o aumento das exportações de bovinos e o aumento da demanda por couros para exportação, a oferta de couro verde tem sido suficiente para manter os preços em patamares historicamente baixos.

O volume de couro exportado em 2011 foi 56,6% maior que em 2001. No mesmo período o preço do couro verde no Brasil Central, corrigido pelo IGP-DI, caiu 64,0%.

O que mais tem afetado o mercado de calçados no Brasil não é a falta de matéria prima, mas a concorrência com produtos importados.

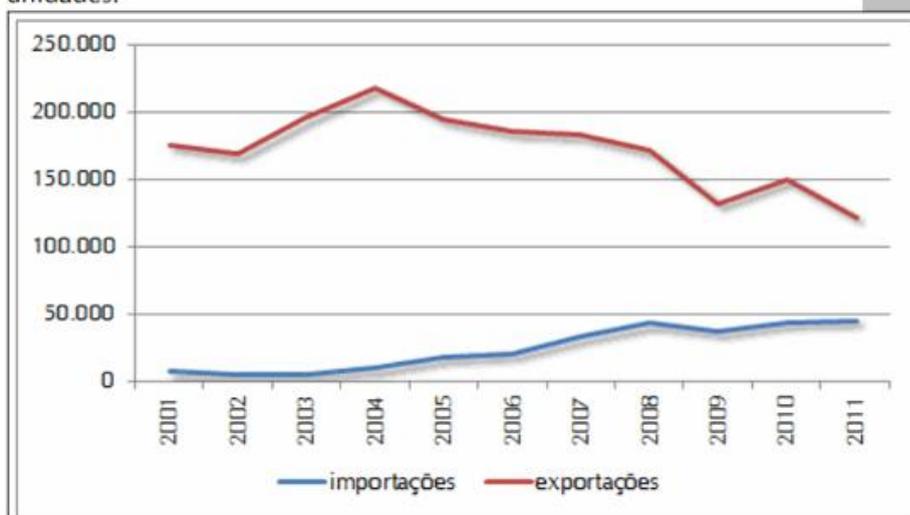
Segundo o MDIC, entre 2001 e 2011 as importações de calçados aumentaram 574,3%. No mesmo período as exportações caíram 30,7%. Os calçados vêm principalmente de países asiáticos, a preços competitivos.

Veja a figura 9.

Mesmo com o aumento das exportações de bovinos, a oferta de couro verde tem sido suficiente para manter os preços em patamares historicamente baixos.



Figura 9.
Quantidade das exportações e importações de calçados, em mil unidades.



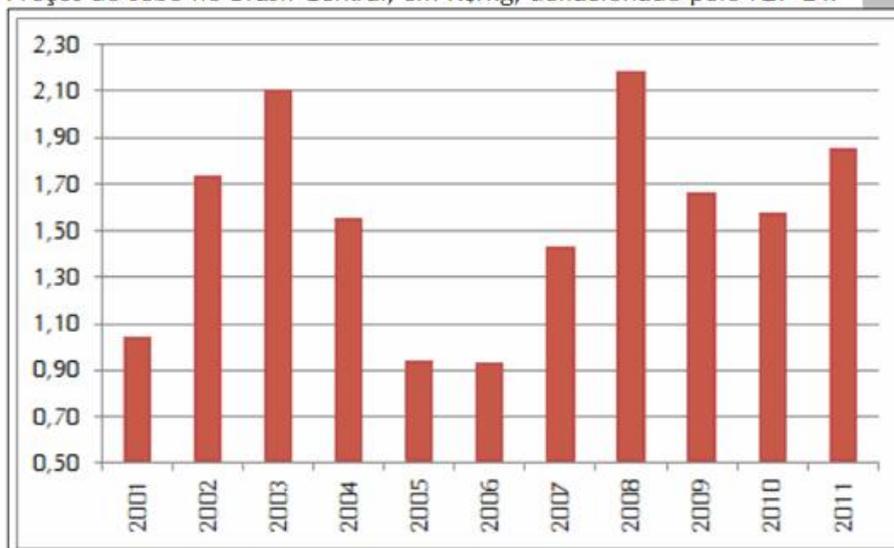
Fonte: MDIC / Scot Consultoria – www.scotconsultoria.com.br

A utilização de sintéticos também tem diminuído o uso e a demanda por couro no setor calçadista.

O mercado do sebo também não tem sentido efeitos das exportações de bovinos. Mesmo com o aumento da produção de biodiesel, gerada pela maior participação no diesel nacional, o preço do sebo tem se mantido estável.

O mercado do sebo também não tem sentido efeitos das exportações de bovinos vivos.

Figura 10.
Preços do sebo no Brasil Central, em R\$/kg, deflacionado pelo IGP-DI.



Fonte: FGV / Scot Consultoria – www.scotconsultoria.com.br

Segundo o último Boletim Mensal dos Combustíveis Renováveis do Ministério de Minas e Energia (MME), o sebo participou com 16,3% da produção de biodiesel em novembro de 2011. O óleo de soja compôs 73,0% da matéria prima e o de algodão 5,6%.

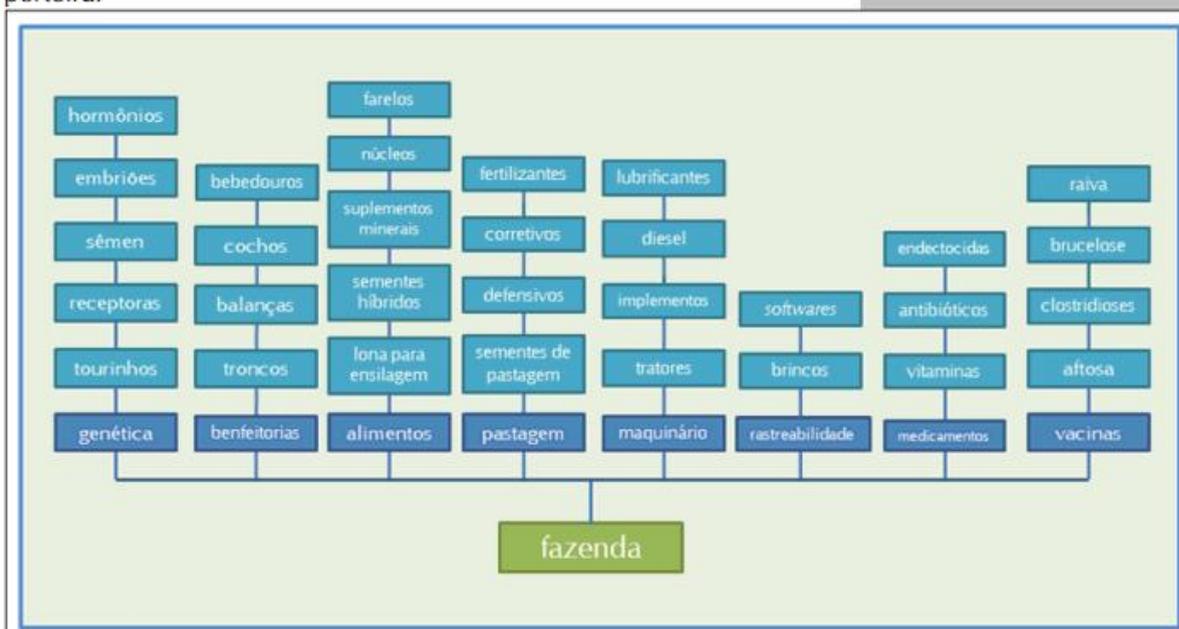
4. QUEM GANHA COM O MERCADO DO BOI FIRME

Dezenas de indústrias produzem insumos para a pecuária, geram empregos e arrecadação de impostos, não importa onde os animais serão abatidos.

Veja a figura 11.

Figura 11.

Apenas alguns exemplos de insumos utilizados na pecuária, antes da porteira.



Fonte: Scot Consultoria – www.scotconsultoria.com.br

Quando a remuneração do pecuarista está interessante, devido aos bons preços do boi gordo, há investimento na atividade.

Isto ocorre com os diversos setores de insumos. Para exemplificar, observe as vendas de sêmen na figura 12.

Quando a remuneração do pecuarista está interessante, devido aos bons preços do boi gordo, há investimento na atividade.



Figura 12.

Evolução dos preços do boi gordo em São Paulo (eixo da esquerda) e vendas de sêmen (eixo da direita).



Fonte: ASBIA / Scot Consultoria – www.scotconsultoria.com.br

O pecuarista diminuiu a utilização de genética em 2006, devido aos preços do boi gordo e da reposição em baixa.

4.1. GERAÇÃO DE EMPREGOS E INVESTIMENTOS

A exportação de gado em pé, no contexto social e econômico, aparece como uma alternativa de diversificação de serviços e investimentos, por exemplo, nos setores portuário e de insumos, sem falar na geração de outros postos de trabalhos indiretos.

É indiscutível também a quantidade de empregos diretos e indiretos gerados, por exemplo, na indústria de insumos, que inclui os segmentos de produção de sementes, defensivos, fertilizantes, medicamentos, suplementos minerais, rações, produtos para reprodução, maquinários e equipamentos, entre outros, como já demonstrado.

Estes postos não são perdidos com as exportações de bovinos vivos. Ao contrário. Em decorrência das exportações de bovinos vivos, não há redução de empregos, visto que os elos do setor que mais geram riqueza (insumos e produção pecuária) são estimulados, gerando uma maior agregação de valor (produção de insumos) e renda para o país.

Também são gerados empregos diretamente relacionados às exportações de bovinos vivos, por exemplo, nos portos por onde são embarcados os animais: mão de obra portuária, nas áreas de pré-embarque, compra de animais, transporte, responsáveis técnicos, fiscais, despachantes, etc.

Os postos de empregos gerados antes da porteira e dentro da fazenda não são perdidos com as exportações de bovinos vivos.

A exportação de gado em pé, no contexto social e econômico, aparece como uma alternativa de diversificação de serviço e investimentos.



Novos postos de trabalhos são gerados indiretamente, sem falar no ganho para a agricultura da região, pensando do lado da produção de alimentos. Os ganhos para o setor são em cadeia.

A venda de bovinos vivos para a exportação no Pará tem feito com que o pecuarista potencialize seus lucros.

Este valor é agregado ao pecuarista e, conseqüentemente, para a indústria de insumos. É fato que quando a pecuária vai bem, a indústria de insumos também ganha, pela possibilidade do pecuarista investir em tecnologia.

O sucesso da indústria de insumos, em termos de produção, vendas, receitas e geração de empregos, está diretamente relacionado à renda do pecuarista.

Esses ganhos são convertidos em investimentos produtivos, através do uso intensivo de insumos e da adoção de estratégias de produção como, por exemplo, o sistema de integração lavoura-pecuária e a engorda em confinamento ou semi-confinamento.

Além disso, novos investimentos e demandas também surgem no Pará, como maior exportador de gado em pé.

Podemos citar o estímulo à agricultura, em virtude da alimentação do gado exportado em estabelecimentos de pré-embarque (EPE) e durante a viagem.

Considerando a demanda apenas pelo gado exportado, realizamos uma estimativa de consumo.

Utilizamos como parâmetro o consumo mínimo, durante as 24 horas de permanência na EPE, somado ao consumido ao longo da viagem. Contabilizamos as exportações para Venezuela e Líbano, com durações de quatro e dezesseis dias, respectivamente.

Para o consumo, foi utilizado um padrão de 2,5% de peso vivo em matéria seca (MS) ao dia, e uma dieta composta de 50% de alimentos volumosos (30% de MS) e 50% de alimentos concentrados (90% de MS).

Com base nesses critérios, para 2011, a demanda adicional de alimentos foi de 55,8 mil toneladas.

Isso sem falar na demanda adicional nas próprias fazendas, reflexo das evoluções tecnológicas, com o crescimento da prática do confinamento e semi-confinamento no estado.

Maior renda no campo significa a fixação do homem no campo. ■

...novos investimentos e demandas também surgem no Pará, como maior exportador de gado em pé.



5. EXPORTAÇÕES DE PRODUTOS BÁSICOS

O Brasil é, tradicionalmente, um país exportador de *commodities* e matérias primas. Destaque para os setores de grãos e mineração, entre outros produtos.

Segundo a legislação brasileira, estes produtos estão isentos de impostos: ICMS e imposto de exportação.

Lei 7.098 de dezembro de 1998, Capítulo III - Da Não Incidência de impostos.

Art. 4º O imposto não incide sobre:

II - operações e prestações que destinem ao exterior mercadorias, inclusive produtos primários e produtos industrializados semielaborados, ou serviços;

O questionamento das exportações de bovinos vivos implicaria também em um questionamento junto às indústrias exportadoras de grãos, minério de ferro e vários outros exportadores de produtos básicos.

Na agricultura, os principais produtos exportados são soja, café, açúcar bruto, milho e algodão.

O Brasil colheu, em 2010/2011, 75,3 milhões de toneladas de soja grão. Desse total, 32,9 milhões de toneladas, 43,8%, foi destinado ao mercado externo.

Para o milho, as exportações em 2011 totalizaram 9,4 milhões de toneladas, ou 16,5% das 57,4 milhões de toneladas colhidas na temporada.

O mercado internacional é essencial para o escoamento da produção agrícola do país.

Do lado da soja e milho, parte do bom desempenho em termos de preço para o agricultor se deu em função da boa demanda pelo mercado internacional, que por sua vez deu sustentação às cotações no mercado interno.

Como reflexo disto, temos os investimentos em fertilizantes, defensivos agrícolas, sementes, etc., que por sua vez refletem em melhorias dos índices produtivos do país.

Em 2011, recorde de exportação de soja, as vendas de fertilizantes também foram recordes. Além disso, houve crescimento nas vendas de defensivos agrícolas (aumento de 3,5% em relação a 2010) e sementes de milho e soja (5,0% mais que no ano anterior).

O questionamento das exportações de bovinos implicaria também em um questionamento junto às indústrias exportadoras de grãos, minério de ferro e vários outros produtos básicos.



O fato de uma grande parcela destes produtos primários ser exportada não significa menores investimentos na cadeia ou exportação de empregos, riquezas e renda. Uma atividade não exclui a outra.

Pelo contrário, colaboram para uma melhor renda, principalmente do produtor.

Na tabela 5 estão alguns produtos básicos exportados pelo Brasil e sua participação em relação à produção nacional.

O minério de ferro ocupa o primeiro lugar na lista de produtos que geram as maiores rendas nas exportações brasileiras. Em 2011, 78,8% da produção brasileira foi exportada.

Tabela 5.

Produção e exportação brasileira de alguns produtos básicos em 2011 - em mil toneladas.

| Produtos | Produção | Exportação | Participação das exportações |
|----------------------------|-----------------------|------------|------------------------------|
| Soja grão | 75.324,30 | 32.973,10 | 43,8% |
| Milho grão | 57.407,00 | 9.459,10 | 16,5% |
| Algodão em pluma | 2.002,00 | 1.011,51 | 50,5% |
| Minério de ferro | 420.000,00 | 330.829,95 | 78,8% |
| Bovinos vivos (em cabeças) | 41.370.000 (abate) | 401.940 | 0,97% |
| Bovinos vivos (em cabeças) | 209.500.000 (rebanho) | 401.940 | 0,19% |

Fonte: MDIC / IBRAM / CONAB / IBGE / Compilados pela Scot Consultoria - www.scotconsultoria.com.br

As exportações de bovinos vivos representaram, em 2011, 0,97% dos abates totais no Brasil. Em relação ao rebanho, os embarques de gado em pé representaram 0,19%. ■

As exportações de bovinos vivos representaram, em 2011, 0,97% dos abates totais no Brasil.



6. CONCLUSÃO

Com base nos dados apresentados, pode-se extrair que a taxaço das exportações de bovinos vivos poderia limitar uma forma de comercialização que tem agregado valor ao setor pecuário e aos elos que o precedem.

Este nicho de mercado, que se desenvolveu naturalmente, também existe em outros importantes países produtores e exportadores de carne bovina, o que demonstra que uma atividade não exclui a outra.

As exportações de bovinos vivos devem fazer parte da política e objetivos do país, já que representam ganhos para a pecuária do Pará e de outros estados exportadores.

O próprio mercado se regula.

Exemplo disto foi a redução dos embarques de bovinos vivos pelo Brasil em 2011 na comparação com 2010, em função de questões cambiais na Venezuela, principal comprador de bovinos vivos do Brasil.

As exportações de bovinos vivos podem ser vistas como uma forma de diversificar, criar um novo canal de negociação e diluir riscos, situação favorável especialmente diante de um cenário de crise econômica.

A agregação de valor no campo, no meio rural, é uma importante ferramenta de fixação do homem no campo e da geração de empregos rurais.

Diante do exposto, recomenda-se a não taxaço das exportações de bovinos vivos. ■

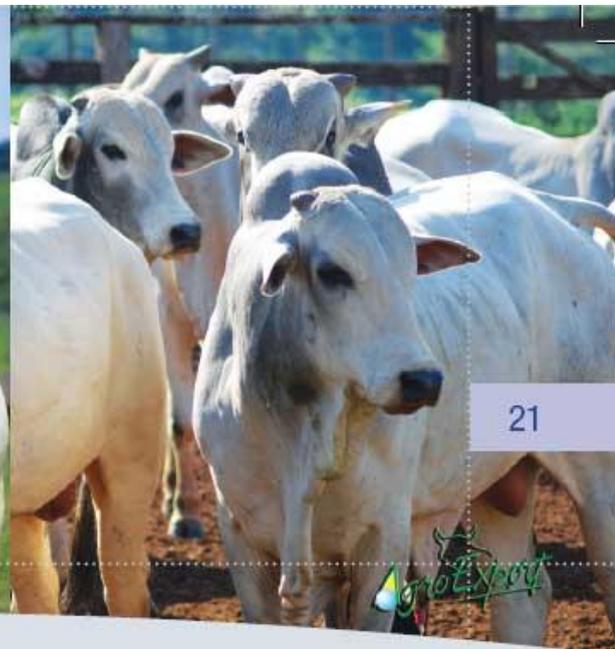


Tabela 4:

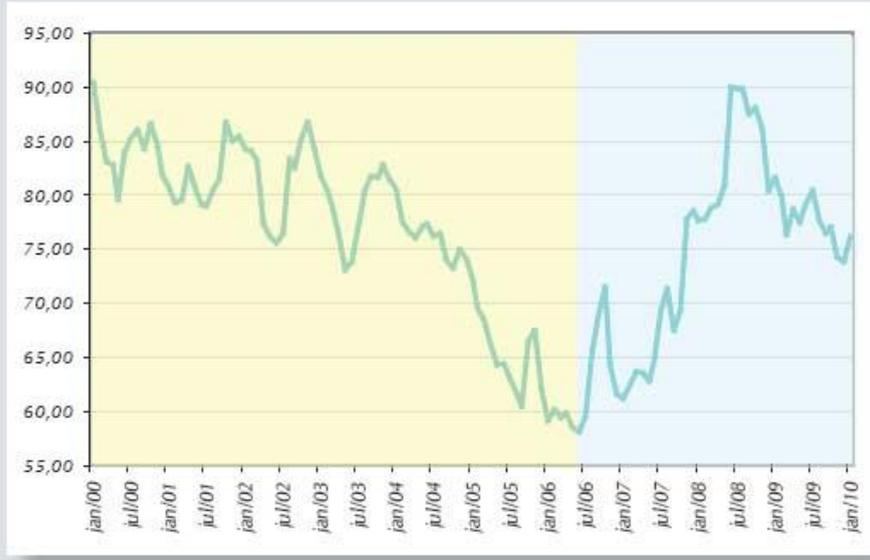
Evolução dos índices zootécnicos na pecuária bovina brasileira entre 2006 e 2009.

| Índice | 2006 | 2009 | Varição |
|-------------------------------|-------|-------|---------|
| Natalidade (%) | 58,0 | 61,4 | 5,95% |
| Mortalidade até a desmama (%) | 6,5 | 3,8 | -41,64% |
| Idade a primeira cria (anos) | 3,4 | 3,3 | -5,23% |
| Idade ao abate (anos) | 4,4 | 4,8 | 10,65% |
| Desfrute (%) | 22,95 | 20,69 | -9,84% |

Fonte: Scot Consultoria - www.scotconsultoria.com.br

Figura 8:

Preço do boi gordo em São Paulo, em R\$/@. Valores corrigidos pelo IGP - DI.



Fonte: Scot Consultoria - www.scotconsultoria.com.br

animais para reposição (mais vacas abatidas, menor a produção de bezerros), os produtores investiram mais e retiveram mais fêmeas no rebanho na comparação com os anos anteriores.

Veja na figura 8 os preços do boi gordo em São Paulo, nos últimos anos, retratando cotações baixas entre 2000 e 2006 e recuperação nos anos seguintes.

REPRESENTATIVIDADE DAS EXPORTAÇÕES DE GADO VIVO NA PRODUÇÃO DE CARNE DO BRASIL

Depois de apresentado o cenário da produção de carne no Brasil, apresentaremos agora a representatividade das exportações de bovinos vivos no total de carne produzido no país.

As exportações brasileiras de gado vivo só tiveram início a partir de 2003, quando o país exportou cerca de 2,2 mil animais. Desde então, conforme descrito, as exportações cresceram exponencialmente ano a ano.

Mas mesmo com esse aumento expressivo, o número de animais exportados tem pequena representatividade no total de gado abatido no Brasil.



7. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABIEC - Associação Brasileira das Indústrias Exportadoras de Carne.
< www.abiec.com.br >

ABS - Australian Bureau of Statistics. < www.abs.gov.au >

ASBIA - Associação Brasileira de Inseminação Artificial.
< www.asbia.org.br >

Cepea/USP - Centro de Estudos Avançados Em Economia Aplicada – ESALQ/USP. < www.cepea.esalq.usp.br >

Conab - Companhia Nacional de Abastecimento.
< www.conab.gov.br >

FGV - Fundação Getúlio Vargas. < www.fgv.br >

IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística.
< www.ibge.gov.br >

IBRAM - Instituto Brasileiro de Mineração. < www.ibram.org.br >

IDESP - Instituto de Desenvolvimento Econômico, Social e Ambiental do Governo do Pará. < www.idesp.pa.gov.br >

MDIC - Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior. < www.mdic.gov.br >

MLA - Meat & Livestock Australia. < www.mla.com.au >

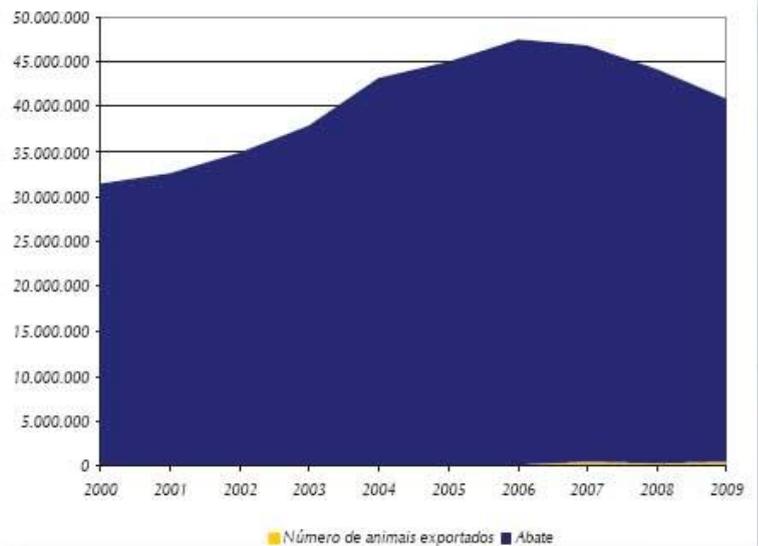
MME - Ministério de Minas e Energia. < www.mme.gov.br >

Scot Consultoria. Banco de dados da empresa.
< www.scotconsultoria.com.br >

USDA - Departamento de Agricultura dos Estados Unidos.
< www.usda.gov >

Abate e exportação de bovinos vivos no Brasil - em cabeças.

Fonte: IBGE / MDIC / Scot Consultoria
www.scotconsultoria.com.br



Considerando os abates totais (formais e informais), os animais exportados nunca representaram mais do que 1,3% do total abatido no país. Na figura 9 está exposto o número de cabeças exportadas na comparação com o total abatido no Brasil.

Observe que é quase impossível visualizar a parcela de animais exportados vivos, perto da imensa quantidade de gado abatido anualmente no Brasil.

Mesmo em 2009, quando o abate de animais ainda não estava nos níveis de 2006 ou 2007 (recuperação da produção após o período de preços baixos/crise) e a exportação de bovinos vivos havia sido recorde, a representatividade desta atividade não chegou a 1,3%.

Observe na figura 10, a representatividade da exportação de gado vivo no abate total do Brasil nos últimos anos.

Analisando a produção de carne, temos uma situação bastante semelhante ao abate. A representatividade da carne que poderia ser produzida caso os animais fossem abatidos no Brasil, não exportados vivos, é muito pequena quando consideramos a produção total.

Caso os animais não tivessem sido exportados vivos e, ao invés disso,

tivessem sido abatidos no Brasil, haveria um aumento na produção de carne brasileira na ordem de 1,7% em 2009 (Figura 11).

Em volume de carne, o Brasil poderia ter produzido cerca de 132 mil toneladas de carne caso os animais fossem abatidos internamente ao invés de exportados vivos em 2009.

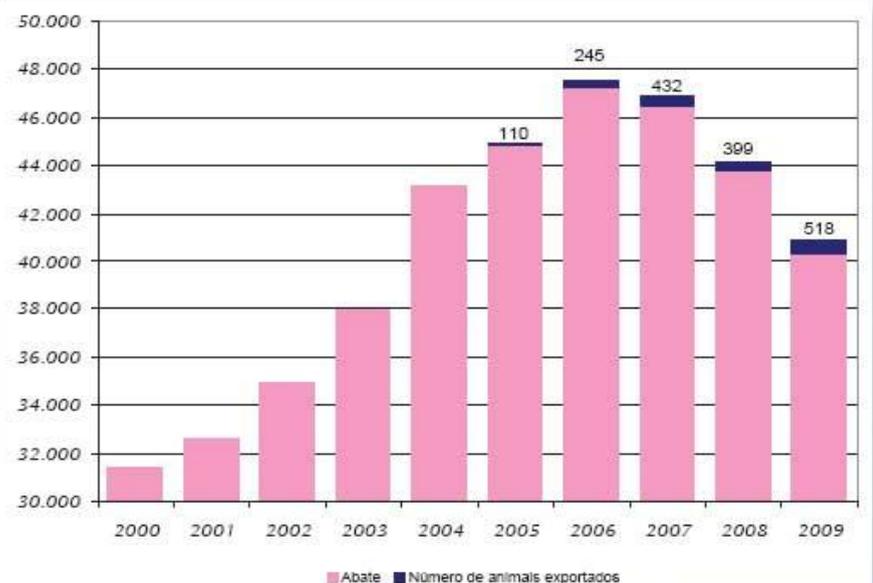
Ao longo de 2009 (ano de maior exportação de bovinos vivos), o total de carne que teria ficado no Brasil

é menor que o volume de carne exportada em um mês (média de 167 mil tec em 2009, e chegou a 215 mil tec em 2007). Conforme mencionado, o aumento na exportação de carne não necessariamente melhora a renda do produtor.

Sob o ponto de vista de melhoria de índices, se o rebanho se mantiver estável em 197,71 milhões de cabeças em 2010 e o desfrute aumentar 1%, teríamos um aumen-

Figura 10:

Abate e total de bovinos exportados pelo Brasil, em mil cabeças.



Fonte: IBGE / MDIC / Scot Consultoria - www.scotconsultoria.com.br



Associação Brasileira dos Exportadores de Gado

Avenida Governador José Malcher, 485 - loja B
Belém do Pará, Pará
66035-100
91 32221393



17 3343 5111

www.scotconsultoria.com.br

scotconsultoria@scotconsultoria.com.br

Caixa postal 14, Bebedouro - SP, 14700 - 970

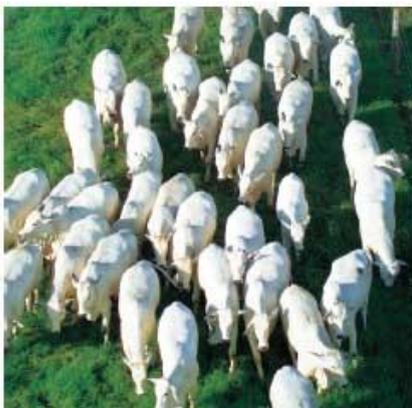
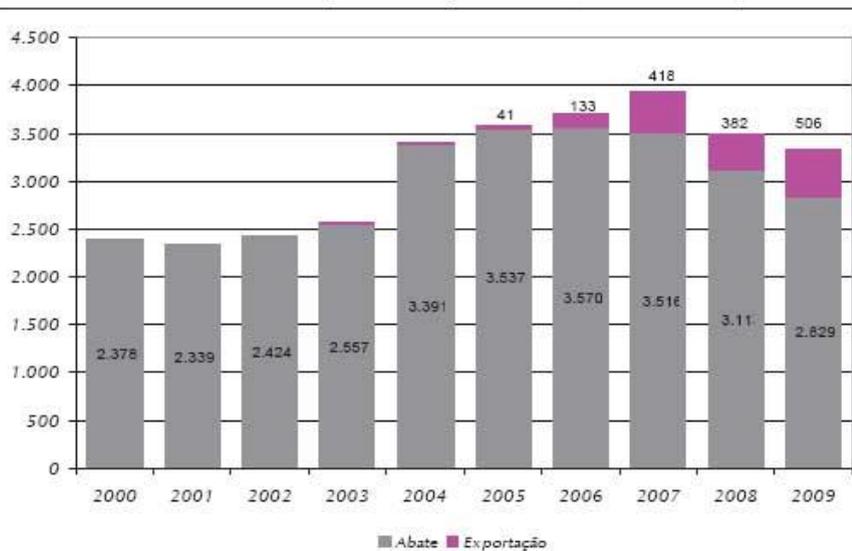


Figura 13:

Abate e total de bovinos exportados pelo Pará, em mil cabeças.



Fonte: IBGE / Scot Consultoria - www.scotconsultoria.com.br

As exportações de carne bovina do Brasil são importantes para manter o escoamento da produção, além de garantir renda quando o mercado interno não absorve a produção.

Mesmo que o gado exportado fosse transformado em carne, provavelmente, esta carne seria destinada a outros estados. O Pará produz muito mais do que consome. É um estado exportador de carne para o mercado interno, externo e de bovinos vivos para o mercado externo.

Segundo dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), o consumo per capita de carne

bovina no Pará era em torno de 22,4 quilos por ano, em 2003, enquanto que a disponibilidade de carne por habitante (considerando a carne produzida no estado) na mesma época era de cerca de 98 quilos por ano, caindo para 72 quilos por habitante em 2009.

A não ser que o consumo de carne no Pará tenha crescido 222% entre 2003 e 2009, fato difícil de ter ocorrido já que o PIB per capita do estado cresceu 20% no período, segundo a Secretaria de Estado de Planejamento, Orçamento e Finanças do Pará (SEPOF) e o consumo de carne está totalmente atrelado

à renda da população, tendo um comportamento elástico (BERNARDINO DE CARVALHO et al., 2007), a população do Pará não seria diretamente beneficiada com o aumento da disponibilidade de carne no estado. Esta produção seria destinada a outras regiões brasileiras e do mundo. Como já é.

Simulação:

O Pará, com seus 7,43 milhões de habitantes (IBGE, 2009), e considerando um consumo per capita igual à média nacional em 2009 (37,29kg/habitante - USDA), tem capacidade de absorver 277 mil toneladas de carne anualmente. Essas 277 mil toneladas equivalem a 1,15 milhão de bovinos abatidos (considerando um peso médio de 240kg de carcaça).

Com o desfrute paraense estimado em 18,9% (Scot Consultoria), e considerando o rebanho de 18 milhões de animais (ADEPARÁ), temos anualmente 3,4 milhões de animais disponíveis para abate. O que gera um "excedente" de 2,25 milhões de animais que têm de ser exportados.

Essa exportação pode ser como animais para abate no exterior ou em outros estados, carne para o exterior ou carne para outros estados.

EXPORTAÇÃO DE BOVINOS VIVOS X EXPORTAÇÃO DE CARNE

O Brasil é o maior exportador de carne bovina. Segundo o MDIC, o Brasil exportou 1.851 mil toneladas equivalente carcaça em 2009.

De acordo com o USDA, em 2003, o Brasil participava com 18% do comércio mundial de carne bovina e hoje possui uma fatia de mercado - market share - de 22%. Veja na figura 14 alguns dos principais players do mercado mundial de carne.

A participação do Brasil já foi de 29% em 2007. Em 2008 caiu para 24%, chegando aos atuais 22%. A causa desta diminuição foi, principalmente, a queda nas exportações para a União Européia (UE) em função de barreiras sanitárias e Rússia, vítima da crise global.

IMPORTADORES DA CARNE BRASILEIRA

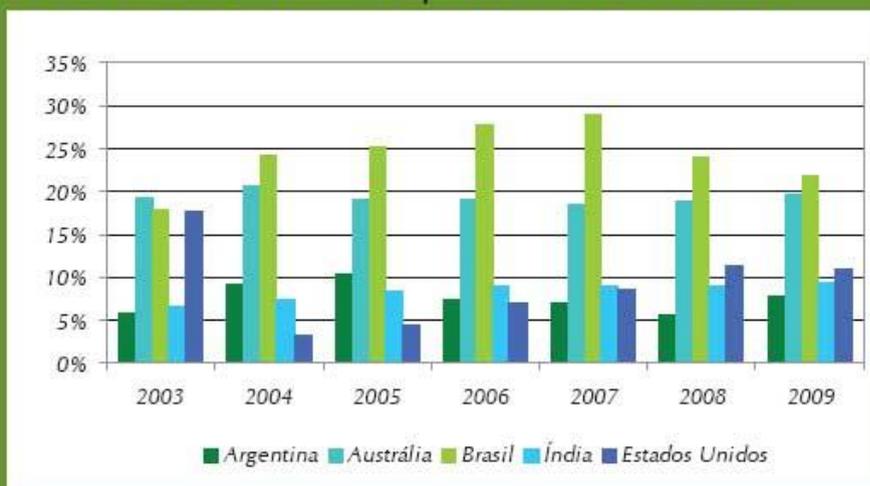
A diminuição dos embarques para o bloco europeu decorreu de inconformidades no sistema de rastreabilidade bovina, o que gerou embargo.

De acordo com o MDIC, houve queda de 44% no volume embarcado para a Europa entre 2007 e 2008.

A Rússia, principal mercado da carne bovina brasileira, também diminuiu as importações do produto brasileiro.

Figura 14:

Fatia de mercado dos maiores exportadores de carne bovina.



Fonte: USDA / Scot Consultoria - www.scotconsultoria.com.br

Segundo o MDIC, entre 2007 e 2009, o volume embarcado para a Rússia caiu 27%.

Lembrando que nem a Rússia nem a União Européia são importadores de bovinos vivos do Brasil. Desta forma, a exportação de bovinos vivos não pode ser apontada como fator de redução das exportações de carne.

O menor volume embarcado de carne bovina brasileira se deu em função de barreiras sanitárias ou técnicas (rastreabilidade no caso da União Européia) e econômicas.

Para a Rússia, a queda dos embarques pode ser atribuída à dificuldade de crédito por parte dos importadores, além é claro da dificuldade econômica vivida pelo país com a desvalorização do petróleo.

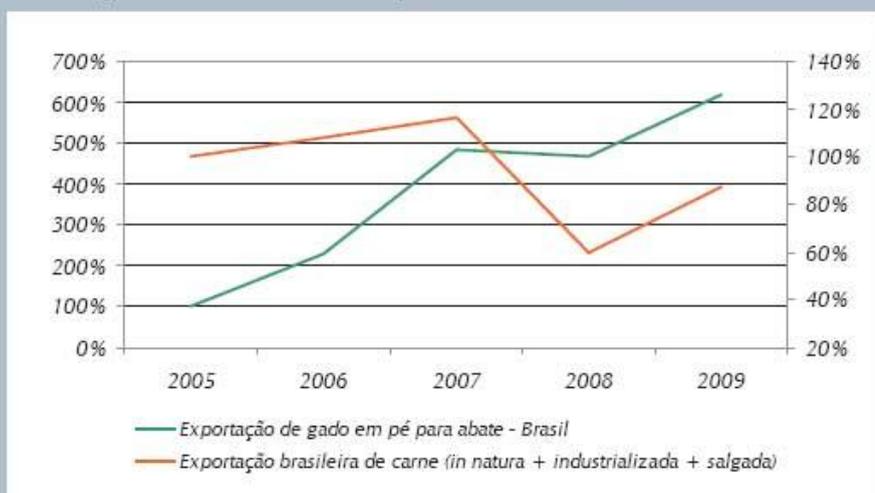
É importante destacar que as exportações de carne para o Oriente Médio, por sua vez, cresceram 108% em volume, entre 2005 e 2009. O Brasil exporta bovinos vivos para o Líbano e para o Egito.

Nesse período, a exportação de animais em pé para o Líbano cresceu 11,26%. Em 2009, o Egito iniciou as



Figura 15:

Varição das exportações de carne bovina e de bovinos vivos (em volume, período de 2005 a 2009). 2005 = base 100



Fonte: MDIC / Scot Consultoria – www.scotconsultoria.com.br

compras, com mais de 8 mil animais vivos embarcados.

A variação dos embarques de bovinos para abate e dos embarques de carne seguem a mesma tendência, estando sujeitos às variações de demanda e câmbio (Figura 15), não competindo uma mercadoria com a outra.

EXPORTAÇÕES ESTADUAIS

Os principais exportadores de gado em pé são o Rio Grande do Sul e o Pará. Juntos, exportaram para o exterior, em 2009, 98,9% dos animais vivos.

A participação do Pará é expressiva, com 96,2% dos embarques brasileiros.

Em 2009, exportou 498.616 bovinos, 30,4% a mais que em 2008.

Os embarques paraenses de carne aumentaram em 14.228 mil tec (150%), indicando que as exportações de boi vivo não interferiram na venda de carne bovina.

Figura 16:

Evolução dos embarques de carne bovina e bovinos vivos no Pará (variação das quantidades embarcadas). 2005 = base 100.



Fonte: MDIC / Scot Consultoria – www.scotconsultoria.com.br

Veja na figura 16 como se comportaram as exportações de bovinos para abate e de carne bovina do Pará.

Observe que ambas as atividades aumentaram nos últimos anos. Mas entre 2007 e 2008, com a crise, ambas registraram queda.

Isso demonstra que são atividades sujeitas a fatores semelhantes em termos de fundamentos de mercado, mas não competem entre si, tanto é que as duas linhas do gráfico são ascendentes e com aumentos expressivos no período analisado.

No Rio Grande do Sul, as duas atividades também obedecem a mesma tendência (Figura 17).

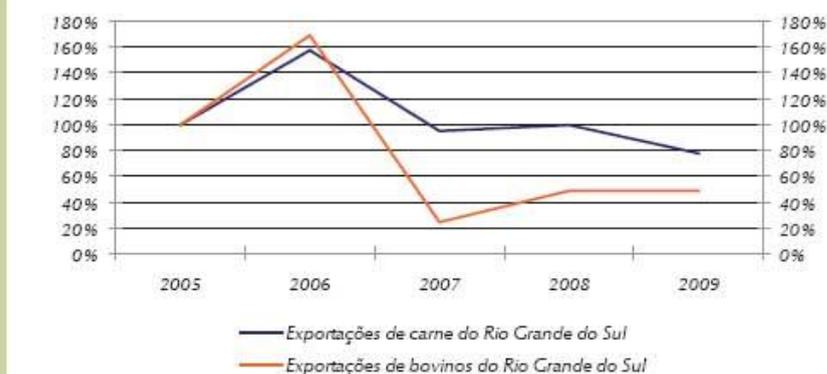


Figura 17:

Evolução dos embarques de carne bovina e bovinos vivos no Rio Grande do Sul (variação das quantidades embarcadas). 2005 = base 100.

Fonte: MDIC / Scot Consultoria – www.scotconsultoria.com.br

EVOLUÇÃO CONJUNTA

Além de não haver competição entre a exportação de bovinos vivos e a exportação de carne, as duas atividades promovem benefícios recíprocos para a região na qual coexistem.

A exportação de animais vivos tende a sofrer maiores exigências sanitárias e de rastreabilidade que a exportação de carne.

Com isso, para que ocorra a ampliação do mercado de animais vivos no Brasil, existe a necessidade de medidas eficientes de melhoria no controle sanitário e de rastreabilidade.

Esses incrementos de qualidade necessários para a ampliação do mercado de animais vivos também beneficiam as exportações de carne.

DEMANDA DE BOVINOS PARA CADA ATIVIDADE

O Brasil é o segundo maior produtor de carne bovina, perdendo apenas para os Estados Unidos que, por sua vez, possui um grande consumo interno, o que limita suas exportações.

A Austrália possui limitações geográficas e de clima e, mesmo assim, é um importante participante do comércio mundial de gado em pé e de carne bovina.

No Brasil, as exportações de bovinos vivos para abate somaram 518.193 cabeças em 2009. As exportações de carne bovina ultrapassaram 1.851 mil toneladas equivalente carcaça no mesmo ano.

Se considerarmos uma carcaça média de 240kg, exportamos o

equivalente a 7,7 milhões de bovinos. O gado exportado em pé representa 6,7% deste total e rende o equivalente a 9,85% da receita com exportações de carne, miúdos e triparia.

A diferença é que aqui a agregação de valor ocorre na parte inicial e pulverizada da cadeia, o pecuarista.

O Brasil não conhece limitações físicas. Infelizmente, ao invés de assumirmos de vez a liderança no agronegócio mundial – e aqui falamos o país, não empresas se agigantando com financiamento público – focamos nossas atenções para provar que produzir não é crime, rebatendo acusações infundadas de neófitos.

Existe demanda para exportação de gado e carne, felizmente podemos atender ambas. Temos essa competência.



IMPORTÂNCIA ECONÔMICA E SOCIAL DA PECUÁRIA DE CORTE NO PARÁ

A atividade pecuária é de extrema importância para a economia do Pará. Ela representa a terceira principal fonte de receita do estado, atrás apenas dos setores de serviços e indústria. É responsável também por boa parte dos empregos no campo.

A exportação de gado em pé, no contexto social e econômico, aparece como uma alternativa de diversificação de serviço, investimentos em setores (por exemplo, o portuário e de insumos) sem falar na geração de postos de trabalhos.

PECUÁRIA EM NÚMEROS NO PARÁ

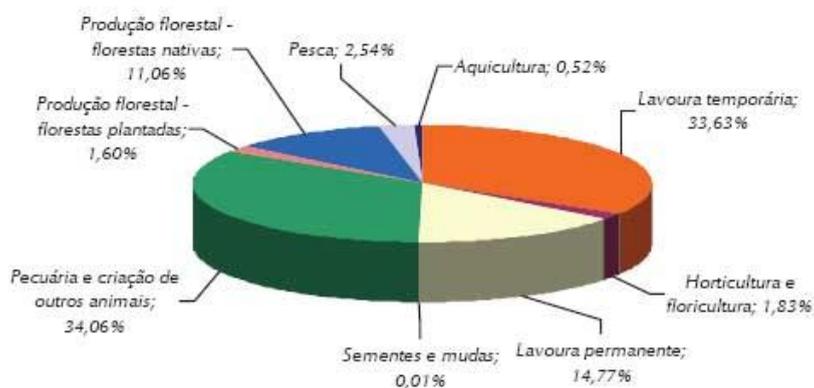
Segundo dados do IBGE, em 2009, a população do Pará era de 7.431.020 habitantes.

O estado possui 143 municípios e uma área de aproximadamente 1,25 milhões de km². A pecuária está presente em 34% dos estabelecimentos registrados no IBGE (Figura 18).

Segundo a Agência de Defesa Agropecuária do Estado do Pará (ADEPARÁ, 2009), o rebanho bovino paraense é de aproximadamente 18 milhões de cabeças, 9% do rebanho nacional. Veja na figura 19 a distribuição, por município, do rebanho bovino no Pará.

Figura 18:

Participação por atividade no número de estabelecimentos agropecuários no Pará.



Fonte: IBGE / Elaboração Scot Consultoria – www.scotconsultoria.com.br

Observe a tabela 5: São Félix do Xingu é o município com o maior rebanho, 1,84 milhão de cabeças, seguido por Marabá, com 888,4 mil cabeças e Cumaru do Norte, com 753,3 mil cabeças.

PARTICIPAÇÃO DA PECUÁRIA NO PIB ESTADUAL

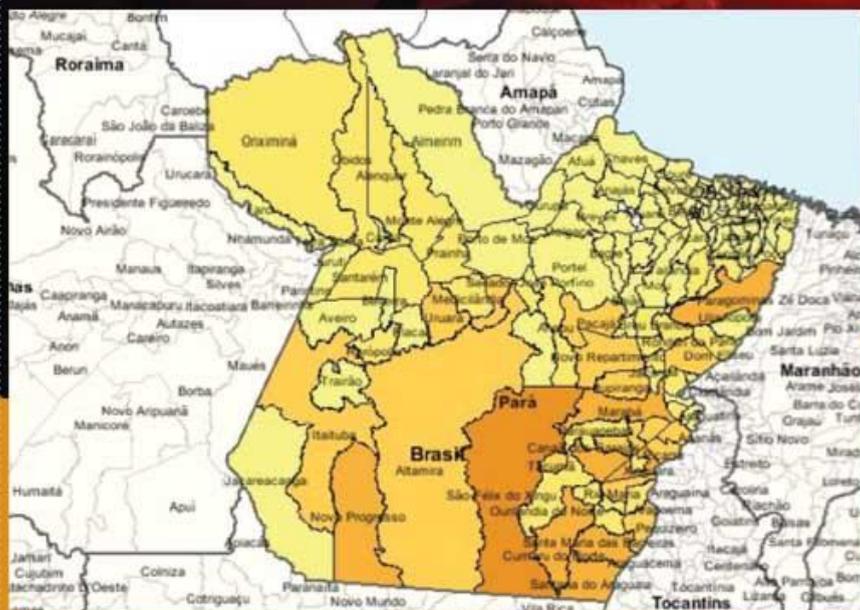
Segundo os números da Secretaria de Estado de Planejamento, Orçamento e Finanças do Pará (SEPOF),

o PIB paraense é de aproximadamente R\$39 bilhões.

O PIB da agropecuária (agricultura, pecuária, silvicultura e pesca) corresponde aproximadamente a 10% desse total, ou R\$ 3,9 bilhões.

Atualmente, a pecuária emprega no Pará, direta e indiretamente mais de 1 milhão de pessoas.

A pecuária superou, em 2003, a agricultura e a silvicultura em participação no PIB agropecuário. Aproximadamente 68% do PIB agro-



| Cor | De | Até | Frequência | % |
|------|--|-----------|------------|------|
| | 0 | 100.000 | 92 | 04,3 |
| | 100.001 | 200.000 | 25 | 17,5 |
| | 201.000 | 400.000 | 16 | 11,2 |
| | 400.001 | 1.000.000 | 8 | 5,6 |
| | 1.000.001 | 2.000.000 | 1 | 0,7 |
| //// | Ausência de valores (-) ou valor desidentificado | | 1 | 0,7 |

Figura 19:

Distribuição do rebanho bovino no Pará – em cabeças.

Fonte: IBGE / Elaboração Scot Consultoria – www.scotconsultoria.com.br

pecuário paraense é relacionado a pecuária (Tabela 6).

Analisando a agricultura do Pará por sub atividades temos um decréscimo considerável da produção de cereais ao longo dos anos, em especial, do arroz. Na atividade da extração vegetal também houve decréscimo, sendo o produto da madeira em tora o que mais contribuiu para esta redução.

No caso da pecuária de corte, acompanhando a tendência nacional, o abate de fêmeas levou a diminuição do rebanho bovino paraense entre 2005 e 2007, no entanto, este voltou a crescer em 2008, bem com os resultados do setor.

| Pará | 18.009.849 |
|--------------------------------|------------|
| São Félix do Xingu - PA | 1.842.216 |
| Marabá - PA | 888.443 |
| Cumarú do Norte - PA | 753.291 |
| Novo Progresso - PA | 729.567 |
| Santana do Araguaia - PA | 593.698 |
| Santa Maria das Barreiras - PA | 571.553 |
| Xinguara - PA | 477.812 |
| Água Azul do Norte - PA | 453.885 |
| Altamira - PA | 398.244 |
| Paragominas - PA | 352.220 |

Tabela 5:

Rebanho bovino no Pará - dez maiores municípios em número de cabeças.

Fonte: ADEPARÁ / Elaboração Scot Consultoria – www.scotconsultoria.com.br

Tabela 6:

Participação por atividade no PIB do Pará – setor agropecuário entre 2002 e 2008 – em%.

| Atividade | 2002 | 2003 | 2004 | 2005 | 2006 | 2007 | 2008 |
|----------------------------|-------|-------|-------|-------|-------|-------|-------|
| Agricultura e silvicultura | 51,2% | 45,3% | 37,2% | 33,7% | 33,0% | 32,0% | 31,5% |
| Pecuária | 48,8% | 54,7% | 62,8% | 66,3% | 67,0% | 68,0% | 68,5% |

Fonte: SEPOF / IBGE / Elaboração Scot Consultoria – www.scotconsultoria.com.br

EXPORTAÇÃO DE GADO EM PÉ E A GERAÇÃO DE RENDA

Em 2009, as exportações de bovinos vivos a partir do Pará totalizaram 498,6 mil cabeças (Figura 20).

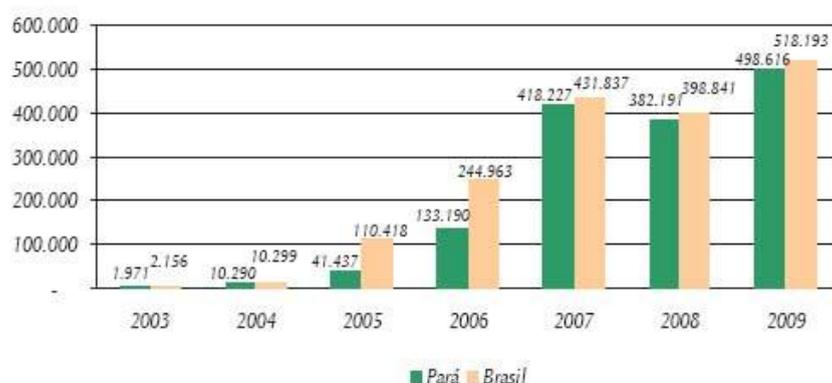
Desde 2005 os embarques paraenses aumentaram mais de 270%, enquanto que o incremento do faturamento, em dólares, foi de 807%. A valorização do preço médio dos animais no período foi de 222%.

Em 2009, a receita com as exportações de animais em pé do Pará somou US\$409,6 milhões. Este valor, convertido em reais, corresponde a aproximadamente 25% do PIB da pecuária do estado em 2008 (Tabela 7).

Dessa forma, é evidente que as exportações de bovinos vivos representam hoje um fator de expansão do setor pecuário em termos de geração de renda e ganhos produtivos do rebanho paraense.

Figura 20:

Exportações de bovinos vivos – em cabeças.



Fonte: MDIC / Elaboração Scot Consultoria – www.scotconsultoria.com.br

O sucesso da indústria de insumos, em termos de produção, vendas, receitas e geração de empregos, está diretamente relacionado à renda da atividade.

Conforme mencionado, no caso da pecuária, se o produtor vai bem, a indústria de insumos vai bem.

Esses ganhos são convertidos em investimentos produtivos, através do uso intensivo de insumos e da adoção de estratégias de produção como, por exemplo, o sistema de integração lavoura-pecuária e a terminação de animais em confinamento.

Por fim, os ganhos para o setor são em cadeia.

As exportações de gado em pé, como alternativa de comercialização que tem gerado renda e ganhos produtivos para a pecuária de corte, em especial, no Pará, geram estímulos para investimentos e, conseqüentemente, favorecem a expansão sustentável do agronegócio pecuário, com incremento de geração de emprego e renda.

Tabela 7:

Participação da receita com as exportações de gado em pé do Pará no PIB do estado.

| Ano | PIB Agropecuária (milhões de R\$) | PIB Pecuária (milhões de R\$) | Exp. gado em pé (milhões de US\$) | Dólar (média anual) | Exp. gado em pé (milhões de R\$) | Exportação/ PIB Pecuária |
|------|-----------------------------------|-------------------------------|-----------------------------------|---------------------|----------------------------------|--------------------------|
| 2005 | 3.157 | 2.095 | 14,8 | R\$2,44 | 36,2 | 1,73% |
| 2006 | 3.664 | 2.455 | 45,1 | R\$2,18 | 98,3 | 4,01% |
| 2007 | 3.804 | 2.586 | 255,8 | R\$1,95 | 498,9 | 19,29% |
| 2008 | 3.900 | 2.671 | 358,7 | R\$1,84 | 658,5 | 24,65% |
| 2009 | - | - | 409,6 | R\$1,99 | 818,1 | - |

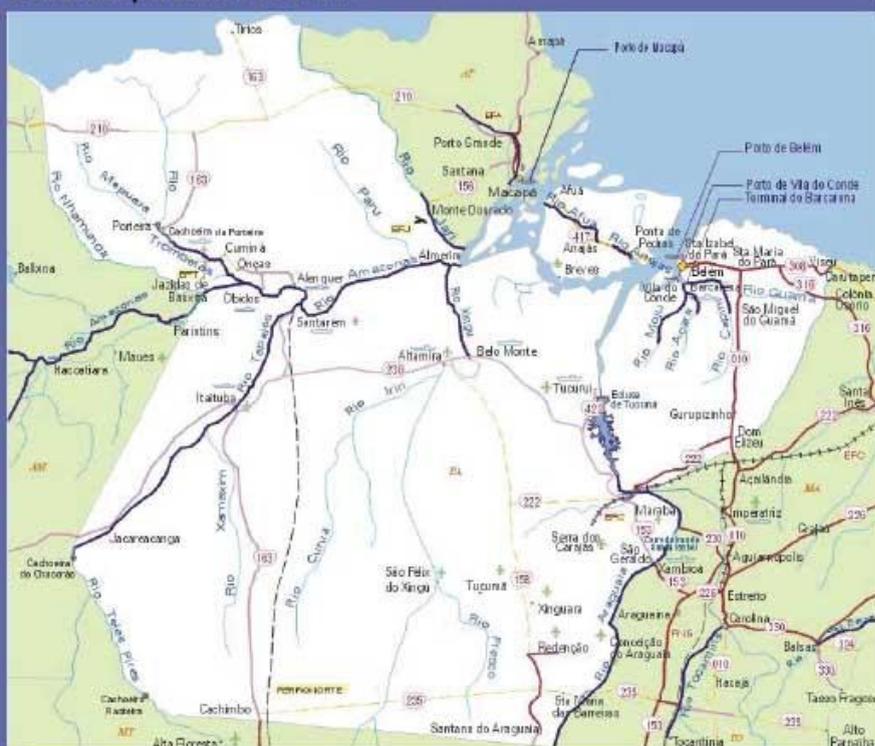
* em relação ao PIB da pecuária em 2008

Fonte: SEPOF / IBGE / MDIC / Elaboração Scot Consultoria - www.scotconsultoria.com.br

OS GANHOS DA PECUÁRIA DE CORTE NO PARÁ COM AS EXPORTAÇÕES DE ANIMAIS VIVOS

Figura 21:

Estrutura portuária do Pará.



Fonte: Mapas Brasil

Comprovadamente, a exportação de gado vivo tem trazido benefícios ao Pará, além de favorecer a balança comercial brasileira.

Neste capítulo, abordaremos os ganhos com a exportação de animais vivos, no Pará.

SITUAÇÃO PORTUÁRIA

O Pará conta com dois portos marítimos: o Porto de Belém, na capital, e o Porto de Vila do Conde, no município de Barcarena, à margem direita do Rio Pará, que são os principais acessos aos países importadores de animais vivos.

O estado conta também com portos fluviais. O único a movimentar animais vivos foi o porto fluvial de Santarém, mas essa movimentação ocorreu somente em 2008 (Figura 21).

Atualmente, o Porto de Belém movimenta aproximadamente 1 milhão de toneladas de carga por ano, sendo cerca de 30 mil toneladas referentes à exportação de gado vivo.

O Porto de Vila do Conde é a principal via de escoamento para a exportação de gado vivo

e movimenta, aproximadamente, 15 milhões de toneladas de carga por ano, sendo cerca de 220 mil toneladas referentes à exportação de gado vivo.

Muitos fatores transformam Vila do Conde em uma eficiente ligação da região com os clientes internacionais. Entre eles, privilegiado posicionamento geográfico, grande extensão de frente acostável, fácil

acesso marítimo, fluvial e rodoviário, ampla disponibilidade de áreas para expansão, reduzidos custos com manutenção e infraestrutura e a total integração entre porto e os municípios vizinhos (Tabelas 8 e 9).

ASPECTOS ECONÔMICOS

A representatividade da exportação de animais vivos tem crescido no

Tabela 8:

Participação por porto no total de gado exportado pelo Pará em 2008.

| Porto | Participação |
|---------------|--------------|
| Belém | 15,63% |
| Altamira | 0,00% |
| Miramar | 0,00% |
| Itaituba | 0,00% |
| Vila do Conde | 84,09% |
| Óbidos | 0,00% |
| Santarém | 0,29% |
| Outeiro | 0,00% |

Fonte: Companhia de Docas do Pará / Scot Consultoria – www.scotconsultoria.com.br

Tabela 9:

Evolução da participação do volume das exportações de gado em pé sobre o total exportado pelo Pará.

| Ano | % |
|------|-------|
| 2005 | 0,77% |
| 2006 | 1,20% |
| 2007 | 2,80% |
| 2008 | 2,30% |
| 2009 | 2,83% |

Fonte: Companhia de Docas do Pará / Scot Consultoria – www.scotconsultoria.com.br

que diz respeito ao faturamento e ao volume, conforme descrito.

Para o pecuarista, significa uma arroba mais valorizada, pois aumenta a competição.

A prova disso é apresentada na figura 22. Veja o comportamento da diferença do preço do boi gordo no Pará em relação ao de São Paulo, que é o estado balizador do mercado do boi gordo.

Nos últimos anos, o boi paraense tem ganhado valor em relação ao paulista.

Esse ganho é convertido pelo pecuarista em investimentos produtivos, através do uso intensivo de insumos e de estratégias produtivas que antes não eram consideradas aplicáveis ao Pará, como a terminação de animais em confinamentos, por exemplo.

Observe, na figura 23, a evolução da lotação animal/área e da taxa de desfrute no Pará.

A partir de 2002, ano que marcou o início da exportação de gado vivo no estado, os índices melhoraram significativamente em relação aos valores registrados em 2002. A melhor rentabilidade trouxe investimentos à região.

Mesmo com a crise em 2005 (febre aftosa no Mato Grosso do Sul) e a redução do rebanho a partir de

Figura 22:

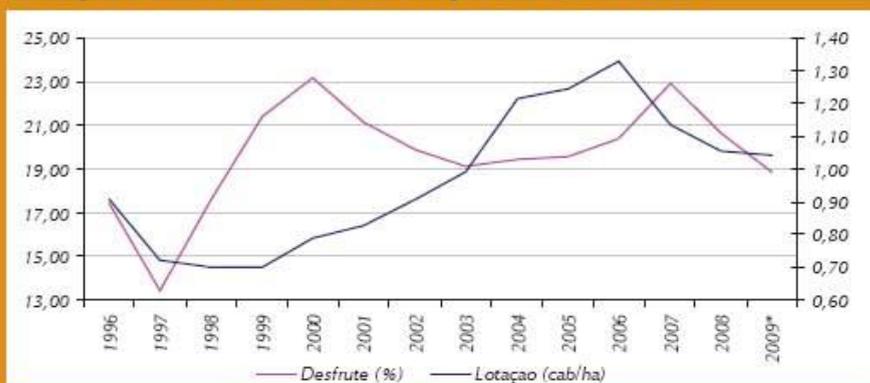
Diferença de preço do boi gordo no Pará em relação a São Paulo.



Fonte: Scot Consultoria – www.scotconsultoria.com.br

Figura 23:

Evolução da taxa de desfrute e lotação animal no Pará.



Fonte: Scot Consultoria – www.scotconsultoria.com.br

então, a taxa de lotação ainda é 15% mais alta do que os níveis pré-exportação.

Hoje existe até mesmo o pagamento de ágio sobre o animal exportado vivo, que varia entre R\$ 1,00 e R\$ 2,00 por arroba.

O peso da boiada é obtido no porto, através da pesagem na balança da carreta vazia e, logo em seguida, carregada com os animais.

Sendo assim, os preços de Paragominas (área mais próxima ao porto de Belém e ao porto de Vila do Conde) têm valores mais altos e mais próximos aos de São Paulo (Figura 24).

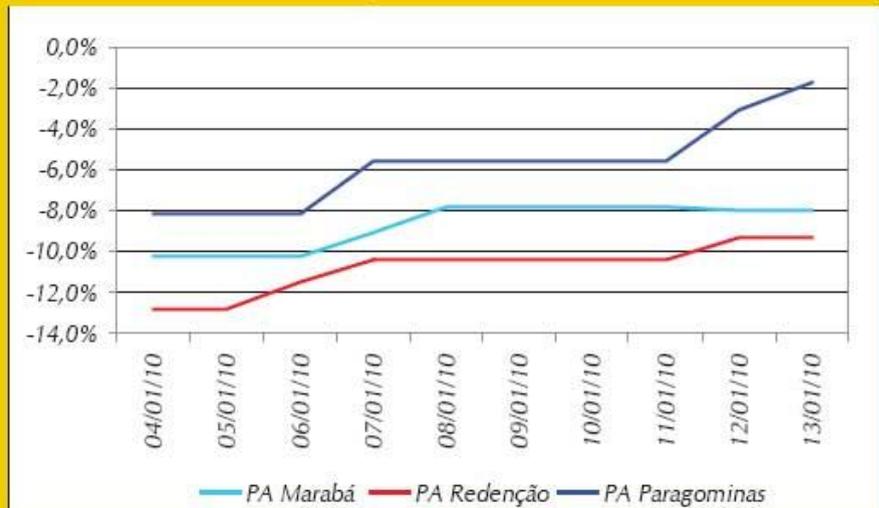
Em função da exportação de bovinos vivos, o rebanho de Paragominas é o mais valorizado do estado.

Além das vantagens mencionadas, a atividade reduz o impacto de fatores não atinentes ao mercado que podem acabar prejudicando os preços. Sendo assim, o efeito da crise que atingiu a economia mundial no final de 2008 foi menos intenso no Pará.

Dados da Scot Consultoria mostram que, levando em conta o preço da arroba em janeiro de 2009 e em janeiro de 2010, as praças que apresentaram quedas maiores do que 10% foram Santa Catarina (14,0%), Belo Horizonte – MG (12,3%),

Figura 24:

Diferenciais de base em relação a Barretos – SP.



Fonte: Scot Consultoria – www.scotconsultoria.com.br

Tabela 10:

Diferencial de base em relação a São Paulo.

| Cidade | Diferencial de base em 12/01/2009 |
|-------------|-----------------------------------|
| Paragominas | -5,62% |
| Marabá | -7,79% |
| Redenção | -10,39% |

Fonte: Scot Consultoria – www.scotconsultoria.com.br

EXPRESS

Goiânia – GO (11,2%) e São Paulo (10,3%).

No Pará, a desvalorização média foi de apenas 1,8%, uma das menores registradas no país.

Vamos analisar alguns números:

Consideremos apenas as microrregiões de Paragominas e Altamira, uma próxima ao porto de Santarém e outra próxima à Belém.

Juntas, estas duas microrregiões paraenses reúnem 15 municípios, com um rebanho estimado em 3,16 milhões de animais, sendo 1,31 milhões na região de Paragominas e 1,85 milhões na região de Belém (ADEPARÁ).

Considerando o desfrute médio paraense, apenas estas duas regiões disponibilizariam 600 mil animais para abate, no Brasil ou no exterior.

E não é que esse número já ultrapassa o exportado pelo Brasil em 2009?

Apenas duas microrregiões paraenses supririam toda a demanda de exportação de animais vivos do país inteiro.

Supondo que, para cada bovino vivo destinado à exportação, o pecuarista receba um ágio de R\$ 2,00/@, em

relação ao valor corrente. Para cada boi de 16,5@ (média de peso do gado paraense exportado em 2009 foi de 497kg por cabeça) temos um ganho de R\$33,00, por cabeça.

Essa receita extra, proveniente desta opção de venda, pode ser usada para a adoção de tecnologia como, por exemplo, a IATF (Inseminação Artificial em Tempo Fixo).

Seja este ou outro o destino do investimento feito pelo pecuarista, a produtividade tende a aumentar.

Com mais tecnologia, estimamos que haja incremento do desfrute na região. Estimando conservadoramente um aumento de dois pontos percentuais, chegando aos 21%.

Só dessa evolução de desfrute, teríamos mais 66,3 mil cabeças terminadas anualmente. Lembrando que esta projeção está sendo feita com base apenas no rebanho das regiões de Paragominas e Altamira (17,5% do rebanho do estado).

Se extrapolarmos o incremento de produtividade para o estado do Pará, o que não é absurdo, pois a competição pelo boi está valorizando o rebanho paraense, temos um aumento de 380 mil animais/ano

(73% da exportação nacional de gado em pé em 2009).

Mais da metade do exportado em 2009 – apenas com incremento de produção pela melhora no desfrute.

Vale ressaltar que o rebanho paraense tem crescido. Tal crescimento é fortemente influenciado pela exportação de animais vivos e consequente valorização do rebanho paraense.

Essa expansão do rebanho melhora a disponibilidade de animais, tanto para exportação quanto para abate doméstico.

Se a exploração pecuária não for rentável, é substituída por outra atividade agrícola. A exportação de bovinos vivos incrementa a pecuária e fixa o homem no campo, pois permite uma alternativa de venda ou de renda.

Desse modo, incrementando e consolidando a pecuária existente a exportação de bovinos vivos, indiretamente favorece a indústria local e doméstica, pois perpetua o fornecimento de bovinos, através do fortalecimento da pecuária como um todo, e não com um só fim.

A exportação de gado em pé é um estímulo, com ganhos para toda a pecuária.

MITOS E FATOS

Mito: O comércio de bovinos vivos é cruel e é frequente o óbito de animais em trânsito.

Fato: O comércio e o transporte de animais vivos são comuns e correntes no Brasil e no restante do planeta, nada tendo de cruel. A taxa de óbitos é pequena, menor do que os índices zootécnicos médios apurados em criatórios ou fazendas.

Não é do interesse dos exportadores e transportadores de gado a morte e o maltrato dos animais.

Exportadores são pagos em cima do peso vivo total ou quantidade de animais descarregados no porto de destino ou no frigorífico ou fazenda de destino.

Dessa forma, é do interesse dos exportadores assegurar que todo o estoque pago antecipado esteja nas mesmas, se não em melhores condições quando entregues aos compradores.

Todos os aspectos do projeto do navio, tamanho da baía, densidade viva, alimentação, água, suprimento de ar, iluminação e gerenciamento são definidos e controlados por legislação pertinente.

Mito: O comércio de exportação de gado tem mortalidade alta.

Fato: O enfoque da atividade e o compromisso na diminuição das taxas de mortalidade para o gado exportado são demonstrados pelo declínio e melhorias nas taxas de mortalidade nos últimos anos.

A taxa de mortalidade, considerando a média dos últimos anos é de menos de 1%. Hoje, de acordo com dados das seguradoras (o animal exportado vivo é segurado) esse valor é inferior 0,5%.

Na Austrália, por exemplo, a taxa de mortalidade para as exportações de gado vivo é de 0,11%. O Brasil caminha para essas taxas através de melhorias em infraestrutura e fiscalização.

Mito: O comércio de exportação de gado custa empregos nas regiões produtoras.

Fato: O presente trabalho mostrou que os ganhos com a exportação de bovinos vivos superam as perdas, caso estes animais fossem abatidos no país.

Estes ganhos são observados em praticamente todos os demais elos da cadeia.

A atividade oferece empregos para os fornecedores subordinados e serviços tais como agentes de gado, operadores de transporte, exportadores e companhias mercantes. Também beneficia as empresas de pastagem, forragem, nutrição, fornecedores de produtos químicos, veterinários, vendedores, criadores, empresas portuárias, além dos setores de finanças e de seguro.

A "competição" entre exportadores e processadores de carne, resulta em preços mais altos para o pecuarista. É dinheiro que fica no campo e não na cidade.

Mito: A exportação de animais vivos pode ser substituída pelo envio de carne resfriada ou congelada.

Fato: O comércio de exportação de gado atende clientes/mercados totalmente diferentes - além do já existente mercado de carne resfriada e congelada.

Quem importa animais vivos quer comprar o gado vivo e não está disposto a levar o produto resfriado ou congelado, seja por questões religiosas ou culturais, ou simplesmente por falta de infraestrutura de armazenamento e refrigeração.

CONCLUSÃO



A exportação de gado em pé é apontada por seus detratores como sendo um empecilho para o desenvolvimento da pecuária de corte do país, em especial, nas regiões de maior representatividade.

Os principais protestos são com relação à redução do potencial de valor agregado para o mercado interno, geração de empregos e o sofrimento dos animais durante a o transporte

Não é verdade. Esse mercado, no qual o Brasil tem se destacado, é na verdade, um agregador de valor para a cadeia pecuária.

A questão da indústria de insumos foi destacada, pois é o elo da cadeia que mais agrega valor, sem falar nos ganhos produtivos para a pecuária de corte. E a indústria de insumos vai bem, quando o pecuarista, o homem do campo, vai bem.

A competição entre as exportações de bovinos vivos com as exportações de carne é benéfica. O volume de gado em pé frente às exportações brasileira de carne bovina é irrisório. Essa competição favorece diretamente o criador, pois agrega valor à criação. A transferência de renda é imediata, direta.

Analisando separadamente a questão do Pará, maior exportador, deparamo-nos com um cenário que contribui para o escoamento da produção e manutenção dos preços.

Caso estes animais fossem abatidos no próprio estado, o destino do produto, a carne, seria a exportação para o mercado interno ou externo, uma vez que o Pará produz muito mais do que consome.

Ficou bastante clara também a importância das exportações de gado em pé nos contextos sociais e econômicos do Pará.

Aí estamos falando de geração de emprego e participação no PIB. Uma atividade comercial que corresponde a aproximadamente 25% do PIB estadual (no caso do Pará) não pode ser desprezada, nem considerada uma ameaça para a pecuária de corte.

Ampliação de mercado significa concorrência e oportunidade de preços melhores, principalmente, para o pecuarista que é quem mais ganha com tudo isso. Essa questão é evidente através da comparação dos preços da arroba no Pará com São Paulo.

Os ganhos também vêm através de melhorias na infraestrutura, por exemplo, portuária.

O que realmente é preciso é a FISCALIZAÇÃO pelos órgãos competentes, para que os protocolos exigidos para a exportação de bovinos vivos sejam cumpridos. Essa fiscalização é benéfica pois atende a preocupação com relação ao bem estar animal e sanidade. E, permite a perenidade do negócio, afastando aventureiros e incompetentes.

A mortalidade durante o transporte é uma objeção das correntes contrárias à exportação de bovinos vivos. Objeção sem sentido, pois o índice de mortalidade nesse tipo de negócio é semelhante ao das fazendas brasileiras. De acordo com números das seguradoras que prestam serviço às empresas exportadoras de gado vivo, esse índice varia entre 0,5% e 1% (casos extremos) e não 10% como querem alguns.

Mesmo porque com 10% de perdas, o negócio é inviável economicamente.

Diante do que foi exposto, fica a seguinte questão: será que novas alternativas de comercialização, como as exportações de gado em pé, não são formas de diversificação e diminuição de riscos na atividade?

A photograph of a white Zebu cow standing in a grassy field. The cow is the central focus, facing right. It has a prominent hump and a yellow tag in its ear. The background features a large, dark tree trunk on the right and a clear blue sky. The foreground is filled with green grass.

Será que toda a contribuição gerada para a economia e sociedade em geral não devem ser levadas em consideração, inclusive, para o desenvolvimento sustentável do agronegócio pecuário, com mais geração de emprego e renda?

Deve ser considerado ainda o fato de que os críticos consideram o reba-

nho paraense como mais um, uma parcela do total. No entanto, para mais de sete milhões de habitantes daquele estado, o rebanho do Pará, é O Rebanho. O único que produz empregos e renda, direta ou indiretamente.

Demanda existe.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Agentes-chave do setor.

Agência de Defesa Agropecuária do Pará – ADEPARÁ. Disponível em: <www.adepara.pa.gov.br>

Acesso em janeiro de 2010.

BERNARDINO DE CARVALHO, T; BACCHI, M. R. P. Estudo da elasticidade-renda da demanda de carne bovina, suína e de frango no Brasil. Londrina, 2007

Centro de Estudos Avançados em Economia Aplicada - CEPEA. Disponível em: <www.cepea.esalq.usp.br>

Acesso em Janeiro de 2010.

Companhia Nacional de Abastecimento - CONAB. Disponível em: <www.conab.gov.br>

Acesso em janeiro de 2010.

Departamento de Agricultura dos Estados Unidos - United States Department of Agriculture - USDA. Disponível em: <www.usda.gov>

Acesso em janeiro de 2010

Departamento de Agricultura dos

Estados Unidos - United States Department of Agriculture - USDA. Livestock and Poultry: World Markets and Trade. Outubro de 2009.

Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE. Pesquisa Pecuária Municipal (PPM) 2008. Disponível em:

<www.sidra.ibge.gov.br>

Acesso em janeiro de 2010.

Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE. Pesquisa de Orçamentos Familiares (2003). Disponível em: <www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/condicao

[devida/pof/2002/pof200220032aed.pdf](http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/condicao_devida/pof/2002/pof200220032aed.pdf)>

Acesso em janeiro de 2010.

Institutos de Desenvolvimento Social e Ambiental do Pará - IDESP. Disponível em: <www.idesp.pa.gov.br>

Acesso em janeiro de 2010.

Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior – MDIC. Dados de exportação e importação.

Disponível em: <www.aliceweb.desenvolvimento.gov.br>

Acesso em: janeiro de 2010.

Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior - MDIC. Disponível em: <www.mdic.gov.br>

Acesso em janeiro de 2010.

SCOT CONSULTORIA. Banco de dados da empresa.

SCOT CONSULTORIA. Vantagens e mais vantagens da exportação de gado em pé. Carta Boi Edição 86, dezembro de 2009.

Secretaria de Estado de Planejamento, Orçamento e Finanças do Pará – SEPOF. Produto Interno Bruto. Disponível em: <www.sepof.pa.gov.br>

Acesso em janeiro de 2010.

Secretaria Especial de Portos – Companhia de Docas do Pará.

Disponível em: <www.cdcp.com.br>

Acesso em janeiro de 2010.



17 3343 5111

www.scotconsultoria.com.br

scotconsultoria@scotconsultoria.com.br

Caixa postal 14, Bebedouro - SP, 14700 - 970